

JUCELIA DA SILVA AMARAL

**MAYA ANGELOU: A RESISTÊNCIA NEGRA NO ROMANCE *EU SEI
PORQUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA***

**CURITIBA
2020**

JUCELIA DA SILVA AMARAL

**MAYA ANGELOU: A RESISTÊNCIA NEGRA NO ROMANCE *EU SEI
PORQUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA***

Trabalho apresentado como requisito para
obtenção do título de Mestre em Teoria
Literária do Programa de pós-Graduação
em Teoria Literária do Centro Universitário
Campos de Andrade – UNIANDRADE.
Orientadora: Profª Drª Angela Rubel Fanini.

**CURITIBA
2020**

TERMO DE APROVAÇÃO

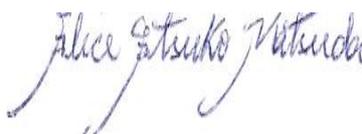
JUCÉLIA DA SILVA AMARAL

**MAYA ANGELOU: A RESISTÊNCIA NEGRA NO
ROMANCE *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA
GAIOLA***

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Angela Maria Rubel Fanini (Orientadora –
UNIANDRADE)



Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda (UEL)



Profa. Dr. Paulo Sandrini (UNIANDRADE)

Curitiba, 16 de dezembro de 2020

DEDICATÓRIA

A Deus, por guiar meus passos em direção aos meus sonhos, autor do meu destino, fonte de fé e amparo nos momentos de angústia e cansaço.

Aos meus pais Célia e Jalmiro;

Aos meus avós Efigênia e Jaime (In memorian);

Ao meu esposo Orlando;

Aos meus filhos Gustavo e Gabriel;

A todas as mulheres negras e fortes que fazem parte da minha história, em especial minha mãe Célia, minhas avós Efigênia(In Memorian) e Iraci (In memorian), tias Antônia, Elza, Almira e Sueli, irmã Rosineide. Que sejamos resistência!

A minha querida orientadora Prof^a Dr^a Ângela Maria Rubel Fanini.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira e especialmente a Deus, pois sem Ele nada sou, minha fé é o que me sustenta.

Aos meus pais, Jalmiro e Célia, meu porto seguro mesmo diante das piores tempestades.

Ao meu esposo Orlando pela compreensão e apoio em todos os momentos dessa jornada.

Aos meus amados filhos Gustavo pela compreensão da minha ausência por vários momentos e Gabriel que se juntou a nós durante essa caminhada.

À minha irmã Rosineide, companheira e parceira de sempre.

Aos meus queridos Wagner, Andreia e afilhada Manu, pelos momentos de descontração e companheirismo nos momentos mais difíceis.

Às minhas amigas de uma vida e professoras Francinete, Hayde, Rita, Sara, Adriane, Zeila, Sandra, Cristiane e Marítiça, que muito me ensinaram sobre ensinar.

À minha querida amiga, inspiradora e incentivadora maior Prof.^a Me. Sara da Silva Pereira por estar sempre ao meu lado e auxiliando durante essa jornada.

À minha companheira de trabalho e amiga Valeria, que acompanhou de perto minha trajetória e não mediu esforços para me ajudar nos momentos em que mais precisei de auxílio.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Angela Rubel Fanini, pelo carinho, competência, paciência, compreensão e pelo belo exemplo de poder, força e determinação feminina. Agradeço a Deus por um dia nossos caminhos terem se cruzado.

Aos professores da banca examinadora Prof.^a Dr.^a Alice Atsuko Matsuda e Prof. Dr. Paulo Sandrini pelas contribuições na conclusão deste trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação da UNIANDRADE, representando pela Prof.^a Dr.^a Brunilda Reichmann, por todo o aprendizado compartilhado e a todos os professores que fizeram parte desse caminhar.

À Rita Morvan, companheira de Mestrado pelas trocas de leituras e por trilhar comigo por um tempo esse caminho rumo ao conhecimento.

Aos meus irmãos, sobrinhos, afilhados, primos, tios, tias, amigos, enfim, a toda minha família, que sempre torceu por mim e de alguma forma me incentivou e me acompanhou nesse caminho me fortalecendo cada dia mais.

“Aprendi que aconteça o que acontecer, pode parecer ruim hoje, mas a vida continua e amanhã melhora.

Aprendi que dá para descobrir muita coisa a respeito de uma pessoa observando como ela lida com três coisas: dia de chuva, bagagem perdida e luzes de árvore de Natal emboladas.

Aprendi que, independentemente da relação que você tenha com seus pais, vai ter saudades deles quando se forem.

Aprendi que ganhar a vida não é o mesmo que ter uma vida.

Aprendi que a vida, às vezes, nos oferece uma segunda oportunidade.

Aprendi que a gente não deve viver tentando agarrar tudo pela vida afora.

Tem que saber abrir mão de algumas coisas.

Aprendi que quando decido alguma coisa com o coração, em geral vem a ser a decisão correta.

Aprendi que mesmo quando tenho dores, não tenho que ser um saco.

Aprendi que todo dia a gente tem que estender a mão e tocar alguém.

As pessoas adoram um abraço apertado, ou mesmo um simples tapinha nas costas.

Aprendi que ainda tenho muito o que aprender.

Aprendi que as pessoas esquecem o que você diz, esquecem o que você faz, mas não esquecem como você faz com que elas se sintam”.

Maya Angelou

RESUMO

Na presente pesquisa apresento inicialmente a obra *Eu Sei por que o Pássaro Canta na Gaiola*, de Maya Angelou, escritora negra estadunidense, publicada em 1969, na qual a autora retrata sua vida pessoal em forma de romance. Todavia, o romance não é mera autobiografia, pois o que ali é narrado pode ser generalizado para a questão afro-americana nos EUA, uma vez que trata de fatos históricos reais, vivenciados nos EUA, e de como esses fatos impactam a vida de milhares de homens e mulheres afros descendentes ao longo do tempo. Neste trabalho, focalizamos as principais personagens negras femininas da obra a fim de demonstrar que Angelou trata a questão feminina de modo bastante procedente uma vez que dá voz a essas personagens, demonstrando o poder feminino nas comunidades negras. Tomamos as obras do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e do Círculo Russo, com enfoque às questões do discurso (a linguagem em uso), das vozes sociais (posições ideológicas das personagens) e exotopia (a distância em relação ao outro) como pontos-chaves para entender o romance em tela e sua mensagem. A partir da análise da obra, evidenciou-se a questão das vozes sociais negras e brancas em confronto e aclaramento entre si devido à exotopia. Também se percebe que o registro autobiográfico veicula não só uma vida particular, mas social, referindo-se à comunidade negra estadunidense, especialmente, no século XX. Também se percebeu que a escritora dá voz principalmente às personagens femininas negras que apresentam forte influência em sua vida de escritora e ativista. A pesquisa demonstrou que tanto a vida da escritora quanto a obra investigada são fontes relevantes enquanto documento histórico, cultural e social sobre a vida dos negros e negras nos Estados Unidos. Também pode ser lida no Brasil, uma vez que há ainda o racismo estrutural imperante na sociedade brasileira, e que a literatura contribui para refletir sobre essa prática cotidiana nefasta.

Palavras-chave: Vozes sociais. Exotopia. Literatura afro-estadunidense. Análise Dialógica do Discurso. Maya Angelou.

ABSTRACT

In the present research we initially presented the work *I Know Why the Caged Bird Sings*, by Maya Angelou, a black American writer, published in 1969, in which the author portrays her personal life in the form of a novel. However, the novel is not a mere autobiography, as what is narrated there can be generalized to the African American issue in the USA, since it deals with real historical facts, experienced in the USA and how these facts impact the lives of thousands of Afro-descendant men and women over time. In this work, we focus on the main black female characters of the work in order to demonstrate that Angelou deals with the female issue in a very sound way since she gives voice to these characters, demonstrating the female power in black communities. We take the works of the language philosopher Mikhail Bakhtin and the Russian Circle, focusing on the issues of discourse (the language in use), social voices (ideological positions of the characters) and exotopia (the distance in relation to the other) as key points for understanding the novel on screen and its message. From the analysis of the work, the question of black and white social voices in confrontation and clarification among themselves was highlighted due to the exotopia. It is also clear that the autobiographical record conveys not only a private life, but a social one, referring to the American black community, especially in the 20th century. It was also noticed that the writer gives a voice mainly to black female characters that have a strong influence on her life as a writer and activist. The research demonstrated that both the life of the writer and the work investigated are relevant sources as a historical, cultural and social document about the lives of black men and women in the United States. It can also be read in Brazil, since there is still structural racism prevalent in Brazilian society, and literature contributes to reflect upon this nefarious daily practice.

Keywords: Social voices. Black voices. Afro-American literature. Dialogic Discourse Analysis. Maya Angelou.

(...) se o outro é realmente um outro, é preciso que num certo momento eu fique surpreso, desorientado, e que nos encontremos, não mais no que temos de semelhante, mas no que temos de diferente, e isso supõe uma transformação tanto mim mesmo quanto do outro. (BAKHTIN, 1992, p. 89)

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	12
2. OBRA EM TELA: ANÁLISE INTERPRETATIVA: EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA A GAIOLA (1969).....	26
3. ESTADO DA ARTE :VOZES NEGRAS NACIONAIS SOBRE MAYA ANGELOU E O FEMINISMO NEGRO	45
4. PERSPECTIVA TEÓRICA DE MIKHAIL BAKHTIN: VOZES SOCIAIS E EXOTOPIA	51
4.1 O ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO E BAKHTIN.....	60
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6. REFERÊNCIAS.....	69

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, procuro refletir sobre a literatura de resistência negra em uma sociedade racista e discriminatória. Para tal, o estudo tem como enfoque a apresentação e análise do romance autobiográfico de Maya Angelou *Eu Sei por que o Pássaro Canta na Gaiola*, escrita no ano de 1969, em que a autora negra revisita em suas lembranças seu passado, mais especificamente sua infância e reconta, já adulta, suas experiências de conviver, na maior parte do tempo, em uma sociedade segregacionista, racista e discriminatória, características, sobretudo, do sul estadunidense nos anos em que ocorre a narrativa.

Nesta proposta, faz-se necessário realizar a apresentação da vida e obra de Maya Angelou, a fim de compreender por que a autora é importante e significativa para a comunidade negra afro-estadunidense, bem como o legado de sua representatividade para a mulher negra que busca valorização e respeito através dos tempos. Maya, narrando sua infância, adolescência e vida em confronto com a comunidade branca, passa a ser exemplo para os leitores ávidos por libertação do jugo da cultura escravocrata. Nela se apresenta a relação direta da literatura como forma de inter-relação entre passado, presente e futuro, bem como sobre como as relações interpessoais e familiares são responsáveis diretamente na construção de identidade étnica. É no interior dessas articulações que o indivíduo consegue se firmar no meio social em que vive e tirar o proveito dos significados dessas relações, sendo elas positivas ou não, ou seja, as experiências vividas irão compor sua personalidade e influenciar seus atos. Maya relata sua vida, e sua vida se generaliza para outras mulheres semelhantes a ela em cor, classe social e etnia.

Para contextualizar e melhor compreender a linguagem exposta por Maya Angelou em sua obra, utilizo os fundamentos propostos pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e seu Círculo Russo de Estudos, mais especificadamente a perspectiva atinente ao conceito de exotopia, a fim de compreender o significado da escrita autobiográfica, na qual a autora, ao escrever sobre si mesma, em um determinado tempo e espaço, mantém um movimento dialógico, em que a polarizações entre passado e presente, comunidade negra e branca, homens e mulheres, são percebidas em confronto. A escritora, já distanciada no tempo e no espaço, adulta, narra sobre si, com certa exotopia.

Esse olhar parcialmente distanciado permite a reflexão *a posteriori*, manifestando sua análise existencial e cultural sobre sua vida e a de tantos negros e negras semelhantes. A identidade negra vai surgindo dessa reflexão sobre tais embates. A consciência negra surge e se aclara nesse encontro e desencontro. A Teoria do Círculo Russo é suficiente para o entendimento a que se propõe a leitura, pois discute como as vozes sociais são incorporadas pela literatura, sobretudo o romance. O Círculo tem tradição materialista, ou seja, parte da observação da realidade discursiva cotidiana e, na sequência, estuda o texto literário. Não é uma teoria estética da literatura que percebe o texto literário autônomo em relação ao real. Ao contrário, parte do real, vê vozes sociais em encontro e desencontro e as estuda em sua formalização literária. As vozes são ideológicas e axiológicas e são fontes de identidade de gênero, de classe e de etnia. No livro em tela, focamos nessa questão.

Não é mero objetivo desta pesquisa tecer um perfil autobiográfico exaustivo da autora, porém, para melhor compreender quem foi Maya Angelou, faz-se necessário contar a história e contribuições para a comunidade negra estadunidense que fez durante sua vida. No Brasil, há poucos estudos sobre a autora e, por isso, também se justifica a breve biografia que apresentamos. Sua escrita torna-se significativa à medida que adentramos nos conflitos que vivenciou por causa de sua cor de pele, gênero, classe econômica, meio familiar e educacional e local de nascimento. A obra se aclara pela vida, sendo sua escrita autobiográfica e de “escrevivência”, no dizer de nossa escritora negra Conceição Evaristo.

O estudo da obra de Maya Angelou justifica-se no contexto atual estadunidense e brasileiro, pois, em ambas as sociedades, vivemos tempos de discriminação racial e preconceito de gênero. Faz-se necessário revisar o que os representantes das minorias, como é o caso de Maya Angelou, traçaram de caminho para as discussões e enfrentamentos contra toda e qualquer forma de discriminação, e que seus ideais de luta continuam vivos até hoje, principalmente no que diz respeito à mulher e à comunidade negra.

Após uma incursão na vida da autora e apresentação do resumo interpretativo da obra, a pesquisa debruça-se também sobre alguns conceitos do teórico Bakhtin, conforme já citado. Exotopia, vozes sociais e linguagem enquanto discurso serão mobilizados para se interpretar sobretudo as falas de personagens femininas na obra. Houve destaque para essas vozes, uma vez que elas são protagonistas no

romance e para a vida da escritora. A escritora dá mais espaço e tempo de significado para algumas personagens femininas.

Também se realizou uma revisão de literatura que resultou no achado de alguns trabalhos sobre a autora em solo nacional. Todavia, não há farto material disponível, o que também justifica esse trabalho. Embora o romance seja de 1969, sua obra é pouco conhecida, inclusive nos cursos de Letras de licenciatura em Língua Inglesa.

Para a finalidade deste trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica, enfatizando-se a interpretação da obra a partir da análise do discurso das personagens. A pesquisa bibliográfica compreende a análise e resumo de informações contidas em textos de autores que abordam o tema pesquisado; comparação de opiniões e fatos já citados por vários autores, confrontando-os. A pesquisa bibliográfica refere-se também a uma revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o assunto abordado na pesquisa científica. Foi utilizada a análise do discurso de via bakhtiniana, que vê a linguagem em curso e em discurso. Para a produção deste trabalho foram realizadas pesquisas em livros, periódicos e sites da internet (blogs e entrevistas sobre a autora foram encontrados) a fim de desvelar fatos sobre a obra em tela e a autora.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o qual foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectiva foi tratado o assunto na literatura científica (BOCCATO, 2006, p.266).

Levando-se em consideração o rico material que compõe biografia da escritora, não é possível detalhá-lo em toda a sua extensão, como observamos. O que se vê em seu vasto acervo vivencial é uma história de vida muito intensa, com inúmeros eventos políticos e um ativismo acentuado voltado, mormente, para a questão negra. Por isso, a proposta deste estudo não consiste em fixar-se na biografia da escritora, mas mencionar fatos que também são relatados na obra em questão. Há uma interação entre obra e vida intensa. A escrita elucida e reflete sobre fatos vividos. A obra destaca-se por seu caráter autobiográfico, que traz muitos detalhes significativos sobre a escritora fora do seu contexto literário, convergindo com que é narrado dentro da obra.

A principal fonte que norteou a inspiração para compilar o título do livro foi um poema de Paul Laurence Dunbar¹ que apresenta o mesmo título. Na sua exposição, a autora faz uma interface dos inúmeros eventos ilustrados em sua vida, na qual percorre os caminhos trilhados durante a sua infância e adolescência. Em sua narrativa, ela traz inúmeros fatos históricos que marcaram a sua trajetória laboral, educacional, familiar. Todavia, o racismo e o machismo, como situações históricas, vão ser os mais proeminentes nessa trajetória.

Observando-se o contexto histórico da vida da autora, percebe-se que foi uma história marcada por inúmeras tragédias e tinha de tudo para terminar como mais um número de estatística, nas baixas de vidas negras americanas. No entanto, ela rompeu os limites da segregação, tornando-se uma voz respeitada no seu tempo, escrevendo uma história para além do tempo que ocupava. Sua escrita não é de autocomiseração e sim de superação do meio hostil. Viveu o racismo, mas não sucumbiu a ele. Tornou-se escritora renomada e atuante política em vários movimentos sociais negros. Sua escrita é fonte de liberação e reflexão para inúmeros movimentos sociais. Também esse trabalho traz, por fim, uma justificativa pessoal para a pesquisa, já que a autora da tese é afro-brasileira e professora.

Nessa condição, a pesquisa forneceu uma boa reflexão que leva à emancipação das peias do preconceito e pode ser levada para a sala de aula para nossos alunos. Traz as conclusões finais que focam na investigação das vozes femininas negras mobilizadas por Maya e as referências que foram nossos guias para melhor entender a obra e o contexto social em que se insere.

1.1 QUEM FOI MAYA ANGELOU?

O seu nome de batismo não era Maya. Na realidade, esse foi um apelido de infância que ela ganhou do seu irmão mais velho, e Angelou é o sobrenome que herdou de um dos seus ex-maridos. Maya teve dois casamentos. O primeiro com o marinheiro grego Tosh Angelos, que conheceu quando trabalhava em uma loja de discos em San Francisco, e com quem permaneceu casada entre os anos de 1951 a

¹Paul Laurence Dunbar, poeta e romancista, foi o primeiro autor afro-americano a obter reconhecimento nacional e um amplo público popular. Seus escritos retratam a vida afro-americana de sua época. Ele se concentrou especialmente nas realizações e no orgulho afro-americanos. (27/07/1978-09/02/1906)

1957. Em 1973, casou-se com Paul Du Feu, que era britânico, trabalhador da construção civil, pintor e escritor, cujo casamento terminou em 1982.

Seu nome de batismo é Marguerite Annie Johnson. Nascida no dia 4 de abril de 1928, em St.Louis, Estados Unidos, sendo a segunda filha de uma enfermeira com um porteiro e nutricionista da marinha dos EUA. Dentre os inúmeros feitos de Maya Angelou, destaca-se o seu livro publicado em 1969, o qual levou a autora a se tornar uma das primeiras mulheres negras a ser indicada para o prêmio National Book Award² em 1974. A sua obra, colocou-a numa seleta galeria na da literatura americana, tornando-se um *best-seller* nos Estados Unidos.

O alcance da sua obra tem atravessado e vencido o tempo, vendendo milhares de exemplares até os dias de hoje, com reconhecimento em diversas partes do mundo. No Brasil, sua obra alcançou certo destaque na década de noventa, quando teve a sua primeira tradução no ano 1996. Nem sempre tudo o que é apreciado, é bem recebido. Não foi diferente, a princípio, com a obra de Maya Angelou: “*Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*”. Apesar de sua avaliação positiva diante da crítica literária, ela foi severamente criticada nos Estados Unidos na década de 1980, chegando a ser banida dos segmentos escolares por longos anos.

Contudo, como não desistir das coisas na qual ela acreditava fazia parte da luta da escritora, ela rompeu com vários paradigmas. Apesar dos muitos fracassos momentâneos, manteve o foco em suas batalhas, até superar as mazelas daqueles que forjavam barreiras de resistência à sua luta.

Como ela era uma mulher à frente do seu tempo, sonhadora, idealizadora, desfez, aos poucos, os nós do conservadorismo. Das inúmeras batalhas de superação travadas por Maya, conta-se: ser a primeira mulher negra a conduzir trens nos EUA, logo depois de se tornar mãe aos dezesseis anos; Maya também teve destaque no cinema e na TV, desempenhando papéis de diretora, roteirista e produtora, atividades essas desempenhadas preferencialmente por homens na época. O campo profissional trilhado por Maya é extenso, completa-se ainda: os discos não cantados, em que a artista se destacava declamando textos que transitaram pelo sistema radiofônico, além de ser, também, apresentadora de um programa de rádio. Nos palcos, atuou como atriz em várias peças e musicais da

²Um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos da América, dado anualmente aos melhores livros escritos por cidadãos norte-americanos vivos.

Broadway³. Entre outras atividades de destaque, foi professora e poeta, na qual o seu poema mais celebrado é *Still I Rise*⁴, que se tornou um dos manifestos mais significativos do movimento negro nos Estados Unidos através dos tempos.

Destaca-se a sua infinita contribuição para o movimento afro-americano, a qual não se limitou somente aos bastidores ou no campo da produção cultural. Ela ultrapassou as fronteiras da teoria acadêmica, dos palcos, militando ativamente pelo fim da segregação racial nos EUA.

A sua envergadura como militante, apresentadora, atriz, professora, poeta e escritora colocou-a num seleto grupo, onde ela desfrutava da amizade de líderes políticos importantes para o movimento da comunidade negra Americana. Na vanguarda dos grandes líderes com quem ela desfrutava de prestígio e amizade, encontram-se vultos históricos como: Martin Luther King⁵ e Malcolm X⁶. Transitando nesse círculo, ela pôde participar ativamente do processo de independência social das comunidades negras americanas. Tendo Maya se destacado no contexto americano, também agiu fora do seu país, desenvolvendo trabalhos significativos em outros países, principalmente do continente Africano. Em meados dos anos sessenta, ela viveu no Egito e em Gana, e trabalhou como editora de jornais, onde escrevia artigos voltados para militância do povo negro. Muito do seu trabalho estava voltado para os movimentos de direitos civis e para causas em prol da defesa da cultura do povo negro.

No continente africano, a sua atuação foi intensa, envolvendo-se em missões humanitárias na África. Dada a sua constante atuação cultural e social em vários segmentos, foi convidada a participar de algumas ações em governamentais nos Estados Unidos. Participou entre os anos de 1974 e 1977 durante o governo Ford, e de 1977 a 1981 no governo Carter. A sua participação estava voltada a diferentes empreendimentos que envolviam a cultura afro-americana. Seu papel de destaque

³Broadway, *via larga* em inglês, é uma avenida da cidade de Nova Iorque. A Broadway é muito famosa pelos seus teatros que exibem superproduções de musicais, que muitas vezes ficam em cartaz durante vários anos. Atravessa a Times Square e é ponto de referência para 43 teatros que conformam o Circuito Broadway.

⁴Still I Rise, que se tornou um significativo manifesto do movimento negro nos Estados Unidos através dos tempos.

⁵Martin Luther King Jr. foi um pastor protestante batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis negros nos Estados Unidos de 1955 até seu assassinato em 1968.

⁶HajjMalik Al-Shabazz, mais conhecido como Malcolm X, foi um dos maiores defensores do Nacionalismo Negro nos Estados Unidos. Fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração separatista.

nos governos citados foi no sentido de compor as comissões que tinham por finalidade diminuir as distâncias culturais em solo americano entre negros e brancos. Passando-se esse período, décadas mais tarde, ela tornou-se uma das maiores influências na luta contra o racismo e pelos direitos civis da comunidade afro-americana nos EUA.

O seu exemplo de superação tornou-se referência na luta pelo direito dos negros. Muitos americanos de destaque nacional e internacional admiram e foram influenciados pela sua luta e história de vida, entre eles a jornalista e âncora de programas televisivos Oprah Winfrey⁷. Tamanho foi o legado que ela deixou, destacando-se na sua incansável luta contra o racismo e o espírito de resiliência que a movia, a cultura americana a tem homenageado por longas décadas.

Vivendo em uma época marcada por profundo preconceito, ela rompeu com vários paradigmas de sua época ocupando lugares que eram somente reservados a homens e brancos. Na sua ascensão como militante, ressignificou muito o contexto conservador, fazendo com que a sociedade escravagista, branca e sexista reconhecesse a figura feminina e passasse, em parte, a respeitá-la, principalmente a mulher da sua luta, a negra. Como uma voz audível no seu tempo, ministrava palestras como convidada em vários lugares, tratando de sua experiência de vida.

Maya era poliglota, pois além do inglês, também falava o francês, espanhol, hebraico, italiano e fanti (uma das línguas de Gana). Observando-se a importância de Maya, percebe-se o quão significativa foi a sua contribuição nos segmentos em que ela se propôs a atuar. Dada a sua luta e importância, no ano de 1993, o então eleito para presidente dos EUA, Bill Clinton, pediu para que ela recitasse no ato da sua posse, o poema por ela escrito com o título: "*On the Pulse of Morning*"⁸. Posteriormente, houve a gravação do poema, sendo a escritora aclamada.

Maya Angelou foi ganhadora de três prêmios Grammy⁹ como Melhor Álbum falado ou Álbum não musical: em 1993 com o poema *On the Pulse of Morning*, em

⁷Oprah Winfrey é uma apresentadora de televisão, atriz e empresária norte-americana, vencedora de múltiplos prêmios Emmy por seu programa *The Oprah Winfrey Show*, o talk show com maior audiência da história da televisão norte-americana.

⁸*On The Pulse of Morning* A Rock, A River, A Tree Hosts to species long since departed, Marked the mastodon, The dinosaur, who left dried tokens Of their sojourn here On our planet floor, Any broad alarm of their hastening doom Is lost in the gloom of dust and ages...

⁹Grammy Award é uma cerimônia de premiação da "Academia de Gravação" (do inglês *The Recording Academy*) dos Estados Unidos, que presenteia anualmente os profissionais da indústria musical com o prêmio Grammy, em reconhecimento a excelência do trabalho e conquistas na arte

1995 por *Phenomenal Woman* e no ano de 2000 com *Song Flung up to Heaven*. No ano de 2011, no dia 15 de fevereiro, foi condecorada com a Medalha Presidencial da Liberdade¹⁰, recebendo-a do primeiro presidente negro americano, Barack Obama, a maior honraria concedida a um civil americano, como prova de reconhecimento ao seu legado em defesa da cultura afro-americana.

A vida de Maya Angelou foi muito intensa em tudo, tanto no aspecto profissional como no pessoal. Ao longo da sua vida, casou-se três vezes e teve um filho, Guy Johnson, que seguiu os passos da mãe e também se tornou escritor. No ano de 2014, em 28 de maio, cerca de um mês e meio após ter completado 86 anos, ela veio a falecer. A sua morte deu-se devido a problemas respiratórios. Foi encontrada morta pela manhã em sua residência pela sua cuidadora. O acervo que compõe a obra da escritora é diversificado, dividindo-se em diferentes gêneros como autobiografias: *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969), *Gather Together in My Name* (1974), *Singing' and Swinging' and Getting' Merry Like Christmas* (1976), *The Heart of a Woman* (1981), *All God's Children Need Traveling Shoes* (1986), *A Song Flung Up to Heaven* (2002) e *Mom & Me & Mom* (2013). Quanto aos poemas destacam-se: *On the Pulse of Morning* (1993); *And Still I Rise* (1978), *Phenomenal Woman: Four Poems Celebrating Women* (1995), *From a Black Woman to a Black Man*, (1995) e *Letter to My Daughter* (2008). No gênero teatro e cinema, há: *Porgy and Bess*, (1954–1955) e *Calypso*, 1957. Há também gravações como *Miss Calypso* (1957) e *Deep Rivers in My Soul (with Wynton Marsalis)* (2007) e álbuns de palavra-falada, como *The Poetry of Maya Angelou* (1969), *Women in Business* (1981), *On the Pulse of Morning* (1993) e *A Song Flung Up to Heaven*, (2002).

Estabeleceu-se uma visão panorâmica da obra de Maya Angelou, visto que é pouco conhecida no Brasil e a informação biográfica é relevante, uma vez a obra biográfica *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (1969) será analisada em profundidade. Desse modo, a biografia advinda de textos jornalísticos é importante devido ao fato de que, na obra em tela, aspectos pessoais são tratados.

2. CORPUS DE PESQUISA

de produção musical e, provendo suporte à comunidade da indústria musical. É considerado um dos principais prêmios anuais de entretenimento americano.

¹⁰Medalha Presidencial da Liberdade é uma condecoração concedida pelo presidente dos Estados Unidos e é, junto com a equivalente Medalha de Ouro do Congresso, a maior condecoração civil dos Estados Unidos. Wikipédia

Analisando a obra da autora a partir do *Corpus* escolhido, múltiplas possibilidades de abordagens foram observadas. Na compreensão da análise dos muitos temas abordados, destacam-se as situações históricas de décadas que abrangem a narrativa da obra da escritora. Os temas são variados e vão desde a economia algodoeira, sistema educacional, segregação racial em todas as esferas: religião, economia americana pós-guerra e comércio.

Destaca tanto o cenário do sul quanto do norte americanos, afligidos por visões conservadoras e preconceituosas, e sua luta direciona-se no viés de enfatizar os movimentos de emancipação feminina e combate ao racismo, em especial contra afro-americanos.

Objetivando-se entender os traços mais profundos dos ecos das vozes femininas pela liberdade e emancipação dos seus direitos, delimitar-se-á esta pesquisa com base nas vozes femininas do romance destacado da autora, cuja apresentação é forte, preponderante e significativa. Esta pesquisa acadêmica tem por objetivo compreender o papel das personagens femininas, instituindo-se nas vozes, cuja representatividade afro-americana é mais acentuada. Lançar-se-á o olhar para os anos de 1928 a 1943, período em que fábula da obra se desenrola, narrando fatos da infância e da adolescência da autora por ser obra de registro autobiográfica.

Conforme se registrou anteriormente, a obra retorna às lembranças mais antigas de Maya Angelou que, após ter sido abandonada aos três anos pela mãe, passou a residir com sua avó paterna no Sul segregado dos Estados Unidos. Parte de sua identidade pessoal e étnico-racial inicia-se neste período, quando, ainda na infância, passou a sofrer abusos raciais na localidade onde morava e na escola que frequentava. Nas escolas, inclusive, ministravam-se as aulas em espaços físicos diversos para negros e brancos. Nesse processo, deu-se a sua formação, que a qualificou a vencer a tirania da segregação racial, violência de gênero, estabelecendo em suas ações afirmativas de empoderamento feminino, a superação das limitações impostas pela cor. O que percebemos no texto em tela foi o protagonismo das mulheres negras que fizeram parte da vida de Maya. Todas elas se destacam pela força de suas personalidades, e deixaram marcas e ensinamentos que estimularam profundamente sua formação como mulher negra consciente do seu papel de ativista.

Os traços mais marcantes da personalidade de Maya iniciaram-se dentro do seu contexto familiar. Muito embora tenha sofrido com a violência física, violência de gênero e racismo, ela pôde contar com significativos modelos de resistência feminina em sua família e comunidade, as quais contribuíram amplamente com sua formação, enquanto mulher, mãe, escritora, profissional, militante e idealizadora de um projeto de igualdade.

Destacam-se as personagens femininas analisadas pela escrita de Maya Angelou, narradora da obra, que apresenta sua história desde a infância quando sofreu com o racismo e a segregação racial nos EUA, conseguindo, ao longo da sua trajetória, transformar o que sofreu e aprendeu em sua força de luta e resistência contra um sistema social degradante.

Nesse universo também de destaca a personagem Anne Henderson (Momma) avó paterna de Maya. Ela é uma mulher forte, corajosa e inteligente, de quem Maya recebeu os cuidados necessários durante maior parte da sua infância. Foi por intermédio dos cuidados recebidos da avó, que Maya conseguiu sobreviver em um ambiente hostil, sem perder a dignidade ou se abalar com as amarguras vividas durante o seu processo de formação. Tais eventos e experiências negativas não esmoreceram a fé que ela tinha em seus ideais. Antes sim, contribuíram para que ela firmasse suas convicções naquilo que acreditava. Os sofrimentos da infância serviram como uma ponte para que ela caminhasse com mais segurança sobre um terreno hostil e cheio de armadilhas.

Outra mulher de destaque é Vivian Baxter, mãe de Maya, mulher dotada de um temperamento forte, aguerrida e independente. Sendo uma mulher de atributos físicos admiráveis, valia-se deles em muitas ocasiões, cuja finalidade era dominar os homens e fazê-los agirem conforme suas necessidades. Muito embora não fosse presente na sua infância, contudo, em sua juventude Maya pode encontrar muito amor e carinho em sua mãe, os quais subsidiaram parte de sua formação para vencer os obstáculos que se desenhavam para vida adulta.

Após Maya ter passado por inúmeros traumas, a Sra. Bertha Flowers, uma aristocrata negra, apresenta-se como uma guia dos seus passos. Sra Flowers ajudou Maya a caminhar pelo universo da literatura, dedicando a ela atenção e carinho, ensinando-a que as palavras poderiam ser ferramentas de libertação. Ela levou Maya a acreditar em si após ter sido abusada e a usar as palavras como fonte de superação dos males que sofrera. Por intermédio da Sra Flowers, a narradora

despertou o gosto pelas palavras e, sobretudo pelo poder da oralidade, que muito usou em sua militância social e política. Pelas palavras, ela fez com que gerações ressignificassem todo conceito que tinham sobre a vida, levando os indivíduos a despertarem o poder adormecido dentro deles, principalmente os negros oprimidos pela segregação racial.

Na análise das vozes femininas destacadas, tomaremos a obra dos filósofos da linguagem Mikhail Bakhtin e seu Círculo Russo¹¹, sendo ressaltadas as questões de discurso e vozes sociais que constituem o gênero romance e do tipo autobiográfico.

A análise empreendida no estudo justifica-se do ponto de vista acadêmico e político, pois visa analisar como a escritora concebe, em linguagem literária, a vida, o cotidiano e a saga de sujeitos em comunidades inter-raciais, e em que pesa o preconceito social. Estudos literários desvinculados das realidades históricas são investigações empobrecedoras, e, por isso, essa dissertação aposta na linguagem literária como meio de emancipação social. A escritora, assim como a obra escolhida, vincula-se a temas sociais de relevância, os quais podem ser considerados engajados na luta pela emancipação social, quando expõem o preconceito racial, e a luta de classes que perduram na nossa sociedade até os dias atuais. A escolha de uma escritora de literatura americana também se justifica pelo fato de vivermos em um mundo globalizado, no qual as questões que envolvem o preconceito racial, nos EUA, infelizmente se traduzem também e vicejam na realidade brasileira. É de suma importância pensar que fatos que ocorrem no Brasil, acontecem também em outros países. A cultura americana, por influenciar fortemente a cultura brasileira, traz uma contribuição significativa para uma melhor percepção da semelhança existente entre os problemas. Tanto no Brasil quanto nos EUA houve, na época da colonização, a escravidão dos africanos para trabalharem nas grandes plantações. A escravidão econômica em ambos finalizou no século XIX, mas a cultura escravocrata perdura até hoje. Os negros lá e cá são os mais afetados por baixos salários, moradias precárias e encarceramento prisional. Desse modo, a

¹¹Mikhail Bakhtin nasceu em Moscou no ano de 1895, formado em Filologia e História é autor de diversas obras sobre questões teóricas gerais, o estilo e a teoria de gêneros do discurso. Ele foi o líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por um grupo de estudiosos russos de formações variadas, que se reúnem em encontros para discutir arte, literatura, filosofia e linguagem, o grupo de estudos ficou conhecido como o "**Círculo de Bakhtin**".

literatura de Maya Angelou, tratando desses temas, tem poder também de desvelar nossa realidade e servir de guia de resistência.

Justificam-se também os estudos das temáticas citadas sobre as relações afro-americanas no âmbito acadêmico, visto que essa temática faz parte da grade disciplinar do curso de mestrado em Teoria da Literatura. A disciplina Políticas e Poéticas Afro-americanas faz parte da linha de pesquisa Poéticas e Políticas da Subjetividade, e tem por finalidade, objetivos e justificativas os estudos relacionados a assuntos culturais, processos de construção da subjetividade nos contextos literários em análise nos seus aspectos históricos, políticos e culturais, bem como as relações de poder. A discussão da formação e construção da subjetividade das minorias nos textos de autores representativos também é um enfoque importante e justifica este estudo. Pensar as diferenças de credo, raça, forma e lugar, analisando os processos de identidades culturais e raciais, centrados nas vozes das diferenças no meio social, político e culturais pode contribuir para uma percepção engajada da literatura.

As relações sociais de poder, discriminação social e racial, feminismo, e superação dos limites impostos pela cor, no caso a raça negra, foram verificadas no romance em tela, tendo como fonte de partida o estudo das vozes sociais femininas ali formalizadas pela autora. A obra relata e faz refletir acerca do poder do dominante sobre o dominado, do rico contra o pobre, do branco contra o negro e a resiliência da mulher negra que, mesmo diante de tantos obstáculos, consegue emergir das limitações que lhe são impostas na sociedade, fazendo-se representada e sendo representante de uma classe excluída.

Embora o romance tenha sido publicado na década de 60, os fatos sociais narrados ainda perduram até os dias atuais, tanto na sociedade americana, quanto em outras localidades do globo, inclusive na sociedade brasileira de diferentes formas. Por ser uma temática histórica e atual, este fato também justifica o nosso estudo. Na exposição a seguir, temos o posicionamento de Angelou sobre literatura e comunidade negra e literatura e engajamento.

A mulher Negra é agredida nos anos jovens por todas essas forças comuns na natureza ao mesmo tempo em que fica presa no fogo cruzado triplo do preconceito masculino, do ódio branco ilógico e da falta de poder Negro. O fato de que a mulher Negra americana adulta surge como um personagem formidável costuma ser visto com surpresa, aversão e até beligerância. Raramente é aceito como resultado inevitável da luta vencida por

sobreviventes que merece respeito, se não aceitação entusiasmada. (ANGELOU, 2018, p. 312).

Em contemplação à Lei 10.639/2003, que define a obrigatoriedade dos estudos da Cultura Afro-brasileira, vincula-se a presente reflexão e pesquisa. A lei institui a importância da investigação, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, de temas relacionados à cultura negra no Brasil, visto que a nossa sociedade na sua formação, tem a influência negra e africana em vários de seus aspectos, a saber, cultural, histórico, costumes, economia e principalmente na formação identitária, conforme se segue na Lei:

Lei nº 10.630, de 09 de janeiro de 2003, Art. 26-A. _Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Pretendeu-se, com a abordagem desta pesquisa, reconhecer e valorizar a cultura afro-brasileira, que muitas vezes é desmerecida e esquecida, principalmente na maior parte das instituições de ensino. Neste estudo, demonstramos que o cenário estadunidense é semelhante ao brasileiro no tocante à cultura negra. Infelizmente, não existe uma apresentação sistemática e clara das diferentes etnias formadoras de nossa população, especialmente em relação à negra. Apesar da diversidade étnica em território nacional ser mundialmente conhecida, poucos currículos contemplam estudos sobre essa multiplicidade. Todavia, já há inúmeros avanços por pressão legal e de grupos negros de resistência. Este trabalho se inseriu neste bojo. Percebe-se um enxugamento da temática, sendo o estudo no âmbito escolar de temas voltados à valorização das culturas afro-brasileiras pouco debatido. A interpelação direcionada deste tópico tem o intuito de gerar conhecimento sistematizado do assunto, construindo bases sólidas que venham a contribuir para coibir as práticas de racismo e discriminação social. Este estudo também se filia ao grupo de Estudos Teoria Literária e Estudos Culturais, alocado na Plataforma CNPQ. Este grupo, os estudos culturais e a dimensão do campo que ele

abrange, é um norte para a pesquisa. Entende-se que a extensão dos estudos culturais abarca a investigação sobre o racismo e sobre as culturas de minorias.

Pautando-se nesse entendimento, é que se orientara a estrutura do pensamento desta averiguação. O texto literário não é estudado meramente em seus aspectos formais e desvinculado do social. Ao contrário, é visto como um discurso que se posiciona sobre temas e situações concretas da existência.

Lendo o texto que contempla a base da pesquisa, reconheci em sua memória minha história de vida, que se assemelha muito ao da autora em estudo. Excluindo as questões de violência e abandono familiar, nossas histórias de vida são contadas sobre o mesmo olhar sombrio do racismo. Por intermédio da leitura, compartilhei com Maya Angelou cada insulto por causa da cor da sua pele e do cabelo, o qual destoava da maioria das outras crianças. Cada sentimento e cada desejo de uma pobre garota negra, que se muda aos cinco anos de idade para uma colônia de imigrantes italianos, convivendo e estudando com crianças que me achavam inferior por ser diferente de todos, no tom de pele, na cor e no arranjo dos cabelos, bem como nas vestimentas. Naquela localidade era considerada por todos como uma aberração em forma de pessoa.

Em Maya percebo-me e reinvento minha história, pois em cada detalhe descrito na história da autora, compartilho a força recebida pela parte feminina de minha família. Nenhum exagero poderia ser conjecturado, quando minha avó paterna, tias e principalmente minha mãe, que em sua humilde sabedoria, me vendo derrotada e sem forças para ir adiante com meus sonhos por conta do preconceito que nos cercava, me convenceram com suas palavras e gestos de carinho, a não esmorecer diante das adversidades e maldade das pessoas. Tive também muitas Mommas a me fortalecer. Nenhuma opressão conseguiria bloquear minha capacidade de superação, não poderia de forma alguma, me deixar influenciar pela maldade alheia. O meu biotipo não seria nenhum entrave em minha caminhada, ele não me tornava nem melhor, nem pior que qualquer outra criatura. O texto revelou que tenho minhas conexões com afro descendentes de outros países e gerou em mim uma maior consciência quanto à necessidade de cultivar a liberdade e de sempre se posicionar contra a discriminação social e o racismo, pois esses males podem deixar marcas em uma criança, um jovem, uma pessoa para o resto da sua vida, mas, também, podem servir para fortalecer a resistência e a identidade.

A obra *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* é uma espécie de grito dos excluídos e de liberdade que não se cala. A metáfora do pássaro é apropriada e certa, pois ele canta, porque mesmo diante das grades que o prendem fisicamente, machucando-o e aparentemente calando o seu canto, a sua voz permanece, resistindo. O canto é a sua expressão de luta e indignação diante de tudo que já sofreu, e tem sofrido. Mas, essas mesmas grades, por mais que tentem, jamais terão a capacidade de prender e silenciar o seu. Tal qual os oprimidos também tem a mesma atitude, ou seja, mesmo em grades simbólicas do preconceito e marginalizados, ainda resistem e lutam por direitos e liberdade. Lendo Maya Angelou nos fortalecemos ao nos identificar com suas lutas, resiliência e nos damos conta que a opressão não é capaz de calar e nem de prender pessoas cientes da sua importância e de seu poder. A fala de Angelou representa outras falas, incluindo a minha. Assim também justifico a pesquisa do ponto de vista pessoal que, com certeza, é, um pouco ou bastante, de todos os oprimidos pelo racismo.

3. OBRA EM TELA: ANÁLISE INTERPRETATIVA: EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA A GAIOLA (1969)

Na narrativa da obra de Maya Angelou, emprega-se o discurso direto em primeira pessoa. A autora faz uma retrospectiva dos acontecimentos em sua vida, os quais compreendem o período dos três anos aos dezesseis de vida. O seu processo de formação pessoal deu-se inicialmente num ambiente conturbado e cercado por intensas brigas. Seus pais não desfrutavam de um relacionamento sadio, havia muita divergência entre eles. Como outrora se salientou, sua mãe chamava-se Vivian Baxter, mulher independente, focada em alcançar seus objetivos. Com uma personalidade forte, impetuosa, agia sempre de acordo com suas convicções, não se prendia a regras sociais. Em aspectos de bem estar, gostava de levar uma vida confortável e não media esforços para isso, nem as consequências para ter seus caprichos supridos. O abandono da mãe fez com que Maya se sentisse rejeitada e sem amor-próprio. A figura materna é mostrada como negligente quando Maya é infante. A autora traz essa visão negativa da mãe. Todavia, quando Maya engravida em solteira, a mãe a acolhe. Nesse passo, a escritora não poupa uma crítica à mãe.

Na sua concepção de vida ela tinha como lema que os fins justificam os meios, e que o importante era atingir seus próprios ideais. Levada pelo sentimento

de viver sua independência social, financeira e pessoal, em determinado momento de sua vida, abriu mão da família e dos próprios filhos. Maya falando sobre sua mãe diz o seguinte: “Descrever minha mãe seria escrever sobre um furacão em seu poder perfeito. Ou as cores subindo e descendo pelo arco-íris.” (ANGELOU, 2018, p. 79). A mãe é muitas vezes descrita como fútil e se utilizando da beleza para conquistar objetivos torpes.

O seu pai, Big Bailey Jonhson, era um arquétipo de negligência paterna. Levava com desleixo a sua missão de pai, não se importava com os filhos e vivia o sonho do homem negro na caricatura do homem branco. Gostava de ostentar uma vida de luxo, belos trajes, carros de luxo e uma gama de futilidades. Veja-se que, em relação ao pai, diferentemente da mãe, Maya não traz algo de bom. Não poupa uma visão negativa em sua descrição.

A formação de Maya e seu irmão pouco tiveram da contribuição paterna, sua figura foi somente decorativa, ou seja, apagou-se diante da omissão. Os pais de Maya, preocupados em satisfazer os caprichos pessoais, em nada se importavam com a formação e os cuidados dos quais os filhos necessitavam. Em meio a muitas crises e desacordos decidem se separar. Entretanto, em relação ao irmão, Maya o retrata sempre de modo solidário e fraternal. Porém, devido ao foco deste trabalho, não destacaremos esta relação positiva de Maya com o sexo oposto. O dilema da separação transformou a situação de Maya e seu irmão como um “fardo” para os pais. Como ambos queriam uma vida independente, cuidar dos filhos seria tirar deles o direito à liberdade, tomaram a decisão extrema de se livrar dos filhos para viver o sonho da liberdade. Eles enviam Maya, na época com três anos, e seu irmão Bailey, com quatro anos, a fim de viverem com a avó paterna, Annie Henderson.

A viagem foi longa e desgastante, principalmente por se tratar de duas crianças. Eles foram enviados de trem, saindo de Long Beach, na Califórnia, com destino ao Arkansas, para a pequena cidade de Stamps, no centro-sul americano, sem a supervisão de um adulto, o que era considerado normal na época. Narram os relatos históricos que, quando os pais de crianças pobres e negras, sobretudo, passavam por algum problema financeiro ou tinham que trabalhar nas fábricas no norte americano, enviavam os filhos para serem cuidados pelos avós, nas pequenas cidades rurais do Sul. Esse fato é narrado no romance:

Anos depois, descobri que os Estados Unidos foram atravessados milhares de vezes por crianças Negras assustadas, viajando sozinhas até seus novos e prósperos pais em cidades no norte, ou de volta até as avós em cidades do sul quando o norte urbano falhou com suas promessas econômicas. (ANGELOU, 2018, p. 20)

Os relatos expõem como os adultos da época preparavam as crianças para que viajassem sem a companhia de um responsável pelo menor. Segundo é destacado, as crianças portavam em seus pulsos etiquetas que os identificavam, com a finalidade de que adultos os ajudassem durante a viagem de trem, quando os infantes tivessem necessidade de se alimentar. Assim ocorre com Maya e seu irmão, no caminho que os levou até o lar da avó.

Esse período foi marcado por profundo acirramento das diferenças existentes entre brancos e negros. A segregação racial dispunha-se como um instrumento de manifestação ideológica, ou seja, expunha de maneira explícita a forma agressiva e violenta como os brancos tratavam os afro-americanos, devido ao extremo racismo institucionalizado. Segundo relatado, as crianças ficaram aos cuidados da avó, a quem as crianças chamavam carinhosamente de Momma. Ela era viúva, filha de escravos, próspera e respeitada comerciante, dona do único mercado que existia onde ficava a área dos negros. Contudo, seu mercado não se restringia somente a atender os negros da localidade, ela também fornecia bens e víveres aos brancos que residiam nas imediações. No entanto, ela tinha uma posição firme quanto à violência extremada com que os negros eram tratados. Ela não ficava alheia ao racismo, e muito sofria devido à segregação que os cercava. “As pessoas falavam de Momma como uma mulher de boa aparência, e alguns, que se lembravam dela na juventude, diziam que era muito bonita. Eu só via seu poder e sua força”. (ANGELOU, 2018, p. 65). Momma é personagem forte, matriz para a vida de Maya. Na narração em relação a ela, a escritora é positiva em sua totalidade.

Momma tinha outro filho, tratado pela autora como “tio Willie”. Ele apresentava algumas dificuldades físicas ocasionadas por um acidente que sofreu durante a infância. Parte do seu corpo ficou paralisada, o que lhe deixou limitado fisicamente devido às sequelas do acidente. Marcado pelo quadro de limitações físicas, ele vivia sob os cuidados da mãe – na força que a mantinha firme em sua luta – e a ajudava nas atividades do mercado. Mesmo apresentando as limitações impostas pela sua condição, o tio teve um papel marcante na vida dos sobrinhos, principalmente em aspectos educacionais. A sua presença na vida dos dois irmãos

deu-se como uma espécie de disciplinador, contribuindo significativamente para escolarização deles. Cobrava-lhes diariamente as tarefas educacionais, em determinadas ocasiões até de maneira rude e ameaçadora, porém, sempre demonstrando interesse pelo desenvolvimento intelectual dos sobrinhos. A vida do tio Willie não era nada fácil, sofria constantemente ataques, sofrendo zombarias pelas pessoas da comunidade. Todo sentimento de hostilidade e desprezo que era direcionado a ele ancorava-se no fato dele ser deficiente, negro, e ter uma vida mais confortável do que a maioria dos negros considerados capazes, que mal conseguiam sobreviver e sustentar a si mesmo e suas famílias. De acordo com relatos, “ele também era orgulhoso e delicado. Portanto, não podia fingir que não era aleijado, e nem podia enganar a si mesmo sobre como seu defeito causava repugnância nas pessoas”. (ANGELOU, 2018, p. 26).

Em meio ao desconforto de separação familiar, Bailey Jonhson Jr., irmão mais velho de Maya, tornou-se uma das pessoas mais importantes na vida dela, durante o período da sua infância. Marcado por um espírito gracioso e de vasta inteligência, era considerado uma joia da família. Diferentemente de sua irmã, tinha uma maior desenvoltura para defender-se das discriminações que sofria no meio social. A sua aguçada inteligência dava-lhe um apurado senso de ironia para defender a irmã das mazelas da discriminação.

A leitura era o refúgio certo para vida dos irmãos, os dois compartilhavam do mesmo gosto por exercitá-la, como também pela curiosidade de conhecer coisas novas e pela contínua vontade de estar sempre aprendendo.

Na fase adulta, Bailey destacou-se na vida de Maya como um dos seus maiores apoiadores e incentivadores. Veja-se que o gosto pela leitura e pela escola e o disciplinamento familiar quanto às tarefas pedagógicas nos contam de onde veio o talento de Angelou na condição de escritora. Os alicerces familiares também serviram como ferramentas no combate à discriminação, pois a educação formal poderia abrir portas aos negros em uma sociedade desafiadora e segregacionista.

No complexo sistema racista, Maya e seu irmão sofriam com a segregação racial, insultos, humilhações e agressões. Vivendo no sul, Maya e seu irmão Bailey, além de todo o desconforto da humilhação, lutavam contra a dor de terem sido abandonados pelos pais. Maya vivia dominada pelo complexo de inferioridade, não conseguia superar a ideia de ser uma menina negra e feia (assim era descrita e definida por muitos na comunidade em que morava). Os tormentos que a

dominavam beiravam o nível do desespero, em tudo ela diferenciava-se das meninas brancas que viviam no local, e em relação às meninas negras que conhecia, também era discriminada pelo fato de ser adventista, e de ter vindo do norte, e não de origem sulista. Enfrentando o racismo historicamente cristalizado na sociedade americana, eram recorrentes as desigualdades manifestadas diariamente, marcadas por cenas aterrorizantes, inclusive de linchamentos.

Nos apontamentos de Angelou, ela destaca o seguinte:

O que diferencia uma cidade do sulista de outra, ou de uma cidade ou povoado no norte, ou de uma cidade com prédios? A resposta deve ser a existência compartilhada entre a maioria desconhecida (ela) e a minoria conhecida (você). (ANGELOU, 2018, p.4).

Apesar de todas as mazelas, a presença constante da avó era um alento, um verdadeiro porto seguro para enfrentar as humilhações e limitações impostas pela cor, golpe duro para a cabeça de uma criança inocente. Em momentos de crises, ocupar-se com algo que fosse significativo funcionava como um estabilizador da ansiedade. E a avó Momma sabia como conduzi-los muito bem, utilizando o instrumento da educação. Ela valorizava muito as questões educacionais, e apresentava-se com rigidez quando o assunto era a instrução intelectual de Maya e seu irmão. Ela insistia para que aprendessem a obedecer às regras e respeitassem os mais velhos.

Morando com a avó, Maya passa a observar a luta diária dos negros que trabalhavam arduamente nas plantações de algodão, os quais se concentravam todas as manhãs em frente ao mercado para comprarem suas refeições e seguirem esperançosos para o trabalho. Após um dia de árdua jornada, voltavam tristes e sem esperanças com a colheita, e duvidosos quanto à honestidade das balanças que pesavam a produção. Desde cedo Maya desenvolveu um senso de justiça apuradíssimo, e ela não se conformava com o comodismo dos catadores que frequentavam o mercado. Para ela, aqueles homens viviam dominados pela inércia intelectual, faltava-lhes aptidão mental para tomar uma atitude de mudança, a fim de reverter aquele quadro de exploração. Maya arrazoava, internamente, como podiam viver naquele comodismo trabalhando até a exaustão, sem receberem o suficiente para honrarem seus compromissos financeiros e de sobrevivência.

Destaca-se na obra:

A cada ano, eu observava o campo em frente ao Mercado ficar verde lagarta e depois gradualmente branco-geada. Sabia exatamente quanto tempo demoraria para as carroças grandes pararem no pátio da frente e serem carregadas de catadores de algodão ao a, amanhecer para transportá-los para os restos de fazenda de escravos. (ANGELOU, 2018, p. 21).

Considerando-se tudo o que Maya observava daquilo que os negros passavam em relação às atividades laborais, ela vai traçando um paralelo entre a escravidão financeira e o trabalho, que era imposto aos negros nas fazendas de algodão do sul.

Muitos eram os comentários negativos que Maya ouvia dos adultos que não pertenciam à sua família durante sua infância, eles os proferiam de maneira cruel, não se importavam com sua inocência e processo de formação pessoal. Diziam que ela era feia, zombavam de seus cabelos, da cor da sua pele e características corporais. Ao contrário de sua irmã, Bailey era considerado uma criança pequena e graciosa. No entanto, sempre que ele percebia alguém tecendo algum comentário negativo sobre sua irmã na sua presença, ele procurava um jeito de vingar-se do algoz. Descrevendo o que ocorria, Maya cita:

Enquanto eu era descrita pelos nossos amigos de brincadeiras como sendo cor de merda, ele era elogiado pela pele negra de veludo. O cabelo dele caía em cachos pretos, e minha cabeça era coberta de palha de aço preta. Mas ele me amava. (ANGELOU, 2018, p. 37).

Movida por um espírito fervoroso, Momma, era uma mulher bastante religiosa e influente na igreja, a família frequentava a Igreja Metodista Episcopal Cristã¹². Ocupando certa posição de destaque como comerciante, desfrutava de muita influência dentro da comunidade religiosa. A casa era frequentada pelo reverendo, uma vez que Momma fazia questão que todos participassem das reuniões religiosas que ali aconteciam.

Assim que Maya chegou ao sul, sua avó fez questão que ela fosse recitar na igreja uma poesia de dia de Páscoa, porém ela ficou nervosa na hora e não conseguiu concluí-la. Logo após se sentir humilhada e envergonhada perante toda a igreja, Maya tropeçou em outra criança, saiu correndo da igreja e urinou na roupa,

¹²Metodismo foi um movimento de avivamento espiritual cristão ocorrido na Inglaterra do século XVIII que deu origem a Igreja Metodista em 1739 e enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã. Nos EUA, a doutrina começou a compartilhar as boas-novas com a população negra.

constrangida pelo episódio ela ri e chora ao mesmo tempo. Esse fato fez com que ela pegasse aversão pela religião da avó. Apesar de ser estimulada e obrigada a frequentar a igreja, não concordava e nem se simpatizava com a religião, não se sentia acolhida no meio deles mesma sendo uma comunidade negra. As atitudes e condições impostas pela religião não se compatibilizavam com suas convicções.

Ainda que ela não conseguisse se identificar com os elementos religiosos que faziam parte do contexto da religião da avó, era através da religião que tinha a liberdade de se expressar assegurada dentro da comunidade. A figura da avó foi sempre marcante na vida de Maya e seu irmão, e os ensinou a temer os brancos e deles se manterem longe. O ensinamento de Momma aos netos foram lições que os marcaram para vida toda, não era seguro os negros falarem com os brancos, principalmente despropositadamente. Considerando-se a situação em que transcorriam os acontecimentos, a autora detalha o seguinte:

Em Stamps, a segregação era tão completa que a maioria das crianças negras não tinha a menor ideia de como os brancos eram. Fora isso, eles eram diferentes, deviam ser temidos, e nesse medo estavam incluídas a hostilidade de impotente contra o poderoso, do pobre contra o rico, do trabalhador contra o patrão e do maltrapilho contra o bem-vestido. (ANGELOU, 2018, p. 41).

No que tange aos acontecimentos históricos, o momento mais sombrio na história dos EUA encontra-se ancorado na escravidão. Destaca-se, em todos esses episódios, uma série de acontecimentos que envolviam a exploração de terras, a aplicação do recurso da escravidão humana principalmente dos negros, e em alguns casos mais extremos, envolviam alguns homens brancos cuja condição era de extrema pobreza. Apenas com a Guerra Civil no século XIX foi deposta a escravidão. Porém, a sociedade racista continuou a existir, sendo violenta contra os negros até o presente momento. O movimento dos direitos civis tem seu recorte neste espaço e tempo oitocentista. De lá até o período que se destaca na obra de Angelou, a vida dos negros tem sido uma constante luta por direitos. O sul dos Estados Unidos continuou com fazendas em que se empregavam os negros libertos. Ali o racismo vicejou e viceja com mais proeminência até os tempos atuais. O norte se industrializou e foi palco de maior emancipação e liberdade para os libertos. No livro em tela, a história se passa, em grande parte, no sul racista.

Muito embora Momma compusesse o grupo de ex-escravos, sua família conseguiu a tão sonhada emancipação material e com isto ganhou poder e respeito

entre os demais negros, como também entre os brancos da comunidade. Quando Momma referia-se aos brancos, ela usava uma expressão de forma genérica: “eles”. A sua postura era jamais falar severamente e nem contestar os brancos. De acordo com ela, mesmo que estivesse certa, pelo fato de serem negros, qualquer reação poderia fazê-los perder a razão e os condenaria mesmo diante da verdade. A avó paterna era cautelosa no trato com os brancos e passava essa visão para os netos.

O momento histórico não permitia o livre trânsito de negros na cidade. Em um relato sobre acontecimentos de ações severas impostas pelos brancos aos negros, Momma justifica seu pensamento com a seguinte narrativa: certo dia, um ex-xerife, pele branca, desceu as colinas e foi até o mercado avisar a família para, naquele dia, eles se protegerem durante a noite. A advertência tratava sobre os “garotos”, como chamavam os integrantes do Klan¹³, os quais se programavam para descer a colina com finalidade de capturar um negro que segundo eles, havia “mexido” com uma mulher branca. A ação deles era injusta, eles pegariam o primeiro negro que encontrassem pela frente, não importando quem fosse, pois não sabiam quem tinha cometido o tal delito. Temendo o pior, a avó pediu para que Maya e Bailey retirassem todas as batatas e cebolas dos caixotes, as quais estavam armazenadas para venda, a fim de esconderem o tio Willie embaixo das batatas e cebolas. O medo era que os brancos o pegassem como bode expiatório.

Dada à situação violenta, se isso chegasse a acontecer, ele certamente seria linchado, mesmo sem ter culpa alguma. Segundo o exposto na narrativa, o tio gemeu a noite inteira dentro do caixote, e no final da noite agradeceram que os “garotos” não rondaram o mercado.

Destacando os anos em que viveu no sul com Momma, a autora narra a realidade vivida nas pequenas cidades rurais, as quais eram povoadas principalmente por negros. A realidade constatada depois da grande Guerra Civil¹⁴ é que, seguindo falsas promessas pós-escravidão, muitos negros, iludidos pelos

¹³É uma organização terrorista que surgiu nos Estados Unidos, no século XIX, e ficou marcada por ser a maior organização do tipo na história desse país. É conhecida por utilizar uma roupa macabra e por promover atos de violência contra negros, judeus, católicos etc. No contexto em que foi criada, essa organização perseguia negros libertos e pessoas que apoiavam a concessão de maiores direitos aos negros no sul dos Estados Unidos. Chegou a contar com quatro milhões de membros em meados da década de 1920. Era notório que havia uma sombra branca entre as comunidades brancas e negras que através dela e perceptível o medo dos brancos e a hegemonia branca.

¹⁴A Guerra Civil Americana, também conhecida como Guerra de Secessão ou Guerra Civil dos Estados Unidos, foi uma guerra civil travada nos Estados Unidos de 1861 a 1865, entre o Norte e o Sul. A Guerra Civil começou principalmente como resultado da longa controvérsia sobre a escravização dos negros.

fazendeiros brancos, migraram para essas regiões. A falsa ilusão de ter sua própria terra e de ser próspero foi um sonho que raros negros conseguiram, mas que de fato não ocorreu para maioria deles.

Ao chegar ao sul, os negros viram-se reféns dos grandes fazendeiros brancos, e muitos, de certa forma, continuaram escravizados: o duro trabalho a que eram submetidos nas grandes plantações de algodão rendia-lhes baixíssimos ganhos. Com isso, acabavam contraindo dívidas com seus patrões, para suprirem suas necessidades básicas. Muitos deles chegavam ao ponto de trabalhar exaustivamente, basicamente para pagar pela comida e moradia.

A família de Maya foi duramente afetada pelas diferenças sociais, raciais e culturais do lugar onde viviam, que só foram superadas através do exemplo e força representados por Momma. A avó de Maya destacou-se de forma heroica na vida dela e do irmão, fornecendo-lhes o amor e o respeito necessários para transpor os traumas do passado, presente e futuro, no sentido de vencer o triste fato de se sentir rejeitada pelos pais. Em seus pensamentos infantis, para aliviar o sentimento de abandono, Maya e Bailey alimentavam a fantasia de que eram órfãos para não sofrerem tanto.

Um ano após terem se instalado no sul, o pai de Maya veio visitá-los sem aviso prévio, o que pegou a todos de surpresa. O encantamento de Maya com a beleza física do pai era algo notório, pois ele aparece bem vestido e com um belo carro. A sua permanência ali foi de três semanas. Após ter se inteirado de tudo, de súbito resolveu levá-los novamente para o convívio com a mãe em St. Louis, mesmo sabendo que as condições não eram favoráveis. Maya não queria retornar, mas seu irmão gostou da ideia e estava decidido a voltar a morar com a mãe e, para não se separar dele, acatou sua vontade. A decisão de os irmãos retornarem para junto da mãe deixou Momma muito triste, mas ela não fez objeções. Após uma longa viagem ao lado do pai, que para eles não passava de um desconhecido, chegaram ao seu destino.

No reencontro com a mãe, Maya muito ficou admirada com sua beleza, e Bailey sentiu-se muito feliz. A semelhança que existia entre mãe e filho era extremamente perceptível, o que motivou o encantamento do menino com sua progenitora, esquecendo-se do sofrimento e abandono anterior. No entanto, ela não se demonstrou nada entusiasmada com o retorno dos filhos. Após ter trazido as

crianças do Sul da casa de Momma, o pai permaneceu ali por mais uma semana e, subitamente, foi embora.

O cuidado das crianças ficou a cargo da avó materna, e a mãe raramente permanecia com eles. Vivian, a mãe de Maya, tinha um companheiro e trabalhava em uma casa de jogos à noite, e não tinha tempo para cuidar dos filhos. Quando a avó materna, Baxter, era criança, sua criação ficou aos cuidados de uma família alemã no Cairo, na juventude, mudou-se para St Louis para estudar enfermagem, e casou-se na sequência com o pai de Vivian. O marido de Baxter, avô de Maya e Bailey, também era negro, e faleceu quando ainda os filhos eram pequenos, deixando Baxter viúva e com a responsabilidade de criá-los sozinha. Além de Vivian, ela tinha outros dois filhos jovens.

A avó destacava-se como uma figura bastante influente na política. Devido ao círculo por onde a avó transitava, Maya e o irmão começaram a conviver com todos os tipos de figuras, principalmente do crime organizado. Ao contrário do que a Dona Baxter fazia, seus filhos tinham empregos na cidade e ocupavam bons cargos nos bancos por influência da mãe. Tais cargos por eles ocupados eram de exclusividade dos brancos, mas, a influência de Baxter abria tal possibilidade para os filhos.

Desfrutando do prestígio da mãe entre os figurões, os filhos agiam com certa crueldade, tinham a fama de malvados, no entanto, eram totalmente submissos à Baxter, avó de Maya. Ela tinha uma vida muito agitada, mantinha o domínio e comandava diversas casas de jogos e outras contravenções da época.

A estadia das crianças na casa da avó Baxter teve seus momentos agradáveis, eles eram bem tratados. Porém, quando um dos tios percebia o deslocamento de Maya, por ela não se achar bonita, no intuito de querer confortá-la, acabavam por piorar a sua autoestima devido ao despreparo para lidar com tal situação. Os tios asseguravam a Maya que, embora ela fosse feia fisicamente, tinha inteligência. Essa observação a entristecia.

Convivendo com a outra parte da família, alguma lembrança positiva despertou-se em Maya. De certa forma, ela pôde entender como era sua vida antes de ser levada para morar no sul, com a avó Momma. Dotada de uma percepção mais aguçada, passou a interpretar com maior clareza as histórias recentes da sua infância, as quais ela vivera antes dos três anos de idade. Aprendera a conviver, sobretudo com a mãe, que a sua maneira lhe trouxe felicidade, apresentando-se outra realidade, muito diferente daquela vivida com Momma. Nessa nova fase,

ninguém se importava com o que comiam com o que vestia, o que falavam, aonde iam.

Em questões de aprendizagem, não existia a cobrança que era imposta pela avó Momma, na escola. Vivendo dentro dessa nova realidade, podiam tomar suas próprias decisões, sem que ninguém se importasse verdadeiramente com isso. Relatando os acontecimentos destacados, Angelou aponta:

Frequentávamos a escola, e ninguém da família questionava o resultado nem a qualidade do nosso trabalho. Íamos a um parquinho que tinha uma quadra de basquete, um campo de futebol e mesas de pingue-pongue embaixo de toldos. Aos domingos, em vez de irmos à igreja, nós íamos ao cinema. (ANGELOU, 2018 p. 238).

A maneira como a vida era levada na casa da avó Baxter, antagonizava-se com a que se levava no Sul, na casa da avó Momma. Morando por seis meses com a avó materna, partem para morar com a mãe, pois ela havia se casado com o Sr Freeman. Vê-se que Maya também traça um perfil não apenas favorável em relação à avó materna. É figura forte e decidida, mas também é representada em um contexto laboral entre o legal e o ilegal. É alguém que irá abandoná-la no decorrer da fábula quando ela mais precisará de apoio.

Descrevendo a relação existente entre sua mãe e seu novo marido, Maya relata que ele era mais velho e viciado em sua mãe. No entanto, Vivian levava uma vida desregrada, trabalhando em casas de apostas e bares à noite, o que deixava o companheiro muito irritado. O namorado da mãe de Maya era possessivo e ciumento. Sr Freeman, por não se conformar com a vida com que Vivian levava, passou a vingar-se de seus filhos, causando neles sofrimentos de ordem moral, psicológicas e físicas. Percebendo ele que não tinha a atenção de sua mulher e não conseguia dominar seus sentimentos, começou a molestar a menina Maya, e por fim, numa manhã de revolta com a ausência da mãe, ele a estuprou. Na ocasião em que ocorreu tal episódio, ela tinha somente sete anos. Após estuprá-la, o homem ameaça matar seu irmão e matá-la, caso ela contasse para alguém, e manda que ela vá para a biblioteca como era de costume, era ali que ela encontrava alento para as mazelas da vida. Dentro da biblioteca, Maya não aguenta as dores físicas, e com um sangramento exposto, volta para casa, troca de roupa e esconde a peça Íntima embaixo da cama. Salientando o ocorrido, Angelou argumenta:

E aí, veio à dor. Uma invasão indesejada em que até os sentidos são destruídos. O ato de estupro é a história de uma agulha cedendo porque o camelo não consegue. A criança cede porque o corpo pode, e a mente do violador não pode. (ANGELOU, 2018, p.100)

Medo, pavor, sentimento de abandono e dor tomam conta da alma e do corpo da frágil menina. A chegada da mãe em casa não diminuiu nenhuma dessas dores instaladas, ao contrário Maya ardia em febre. Mas, com medo que Sr Freeman cumprisse o que tinha falado que ia fazer com o irmão e com ela caso expusesse o ocorrido, ficou calada, não contou nada para a mãe. Devido ao estado febril da menina, a mãe sugere que ela estava com sarampo. Naquela mesma noite, Maya ouve a mãe discutir com o companheiro, e na manhã seguinte comunica à Maya e Bailey, que o Sr Freeman não mora mais naquela casa. Apesar de toda a dor física, Maya sente-se aliviada, porém, na mesma noite quando seu irmão vai arrumar a cama para dormirem, ao erguer o colchão para fazer a troca dos lençóis, depara-se com a roupa íntima de Maya, suja de sangue embaixo da cama. Essa situação destaca a negligência da mãe de Maya.

Assegurada de que a ameaça já não se encontrava mais entre eles, Maya revela o nome do agressor a seu irmão. O irmão pouco sabia, ou, nada sabia do que se tratava o ato de violência, mas sugere que ela expusesse o ocorrido para a família. Atendendo o conselho do irmão, Maya diz para família o nome do agressor, relatando a brutalidade e como ele a violentou. Sabendo do nome do agressor, a família comunicou as autoridades e o homem foi preso e foi a julgamento.

No entanto, devido a sua posição, a sua cor e às políticas segregacionistas que eram brandas com os brancos, ele ficou preso durante um dia e uma noite e foi solto, um duro golpe para Maya e sua família. O agressor Sr Freeman beneficiou-se deste cenário inóspito que fazia parte do sistema da comunidade branca americana.

Passando-se alguns dias após sua soltura, ele foi agredido até a morte, provavelmente pelos tios de Maya como forma de vingança. Assim que tomou conhecimento da forma como o seu agressor foi morto, na sua ingenuidade de criança, ela achou que sua atitude de ter revelado a identidade do seu agressor o havia condenado à morte. Imaginando que sua voz tinha o poder de condenar e matar as pessoas, ela foi tomada pelo sentimento de culpa, então Maya decide não falar com ninguém mais, exceto com seu irmão Bailey.

Estando cientes do trauma que ela estava passando, tentaram ajudá-la a superá-lo, pois a menina entrou em um mundo de mutismo. Todas as tentativas

fracassaram, e o insucesso deles em reverter o silêncio contínuo da menina foi tomado como ofensa por aqueles que deveriam apoiá-la. A família, a princípio, foi tomada pela compaixão, mas diante do fracasso em fazê-la se comunicar, passaram a tratá-la com rispidez, chegando, em determinadas situações, a agredi-la fisicamente por não terem mais paciência para tratar com seu silêncio.

Ela calou-se, porém, desenvolveu uma sensibilidade auditiva extremamente aguçada, absorvendo tudo o que ouvia. Também se aplicou com mais intensidade à leitura. Devido aos acontecimentos e à dificuldade de lidar com a situação em que a menina se encontrava, os irmãos foram colocados novamente em um trem e enviados para o sul, a fim de viver com a avó Momma. Não se sabe, ao certo, se os parentes maternos estavam se livrando deles, ou se foi Momma quem pediu para que eles retornassem.

O retorno para o sul fez Maya sentir-se aliviada, ao contrário do irmão, Bailey, que ia contrariado, pois havia se apegado muito à mãe e não queria ficar longe dela. Essa passagem mais uma vez reforça que as situações negativas fizeram com que Maya se aproximasse dos livros com mais vigor, identificando a formação de escritora. A avó materna a vinga, mandando matar o agressor, mas a abandona posteriormente. Momma, a avó paterna, entra novamente na vida de Maya, sendo seu porto seguro. Maya a não critica em sua autobiografia. Momma impera ilesa de críticas na obra. É esteio e acolhimento.

Retornando a Stamps pela segunda vez, foram acolhidos e tratados com carinho, compreensão e cuidado, tanto diante do trauma de Maya, quanto da revolta de Bailey. Acolhida pela avó Momma, Maya sente-se segura, pois a avó, como uma senhora de muita fé, incentivava que ela falasse: “Quando você e o bom Senhor estiverem prontos, você vai ser uma pregadora e uma professora. Você vai ensinar muitas coisas ao mundo”. (ANGELOU, p. 117).

Na cidade, a Sra. Flowers, amiga próxima da avó Momma, como já mencionado anteriormente, foi decisiva na vida de Maya. Dentro da comunidade era considerada pela sua beleza, inteligência, bondade e cultura. Por algumas tardes ela passou a levar Maya para sua casa a fim de ficar com ela por alguns períodos: “Ela foi uma das poucas damas que conheci e permaneceu em toda a minha vida como medida do que um ser humano pode ser” (ANGELOU, 2018, p. 118).

Uma vez por mês, a pedido de Momma, ela levava Maya à sua casa, fazia chás, limonada e lia poesias para ela. Agindo dessa maneira com Maya por algum

tempo, conseguiu ganhar sua confiança, pois sabia do gosto da menina pela leitura. Um dia, a Sra Flowers disse para Maya que ela nunca iria realmente gostar de poesia se não a recitasse. Teria que sentir as palavras oralmente. Sabendo que não adiantaria ficar somente nas palavras, presenteou Maya com uma sacola de livros, dando-lhe o desafio de memorizar uma poesia para que recitasse no próximo encontro das duas. Assim, Sra Flowers conseguiu que a menina saísse de seu mutismo.

Pontuando as dores que a condicionavam ao isolamento afetivo, declara:

Durante quase um ano, fiquei pela casa, pelo Mercado, pela escola e pela igreja como um pãozinho velho, sujo e impossível de comer. Então, conheci, ou passei a conhecer a moça que jogou a primeira bóia salva-vidas da minha vida. (ANGELOU, 2018, p. 117).

Desafiada a romper com seu silêncio, Maya aceita o pedido da Sra Flowers, conseguiu cumprir o que lhe havia sido pedido e voltou a falar. Após esse fato, Maya leu todos os livros da biblioteca dos negros. Leu, também, todos os livros que conseguia emprestar da biblioteca da escola de brancos. Começou a fazer uma corrida contra o tempo, decorava obras inteiras de William Shakespeare, Edgar Allan Poe, Paul Laurence Dunbar, Langston Hughes, James Weldon Johnson, e boa parte de literatura e de autores negros. Quanto menos tinha vontade de falar, mais tinha vontade de ler.

A leitura foi o norte que muito conduziu a vida de Maya nas ações, fossem pessoais, ou profissionais. O hábito de ler ocupou um papel fundamental e significativo para que ela fortalecesse a autoconfiança, superasse a rejeição e, também, funcionava como uma válvula de escape quando queria se ausentar do convívio com seus pares.

Toda vez que Maya sentia-se oprimida e abandonada, refugiava-se nas páginas mágicas dos livros, e colhia deles a estabilidade para os desconfortos da alma, estruturando-se internamente para enfrentar a dura realidade que vivia. Esse fato narrado no livro também fornece as pistas para o leitor entender como Maya tornou-se adepta da literatura como forma de comunicação.

Maya foi trabalhar na casa de uma senhora branca quando tinha dez anos, a sua percepção sobre inferioridade e discriminação racial passou a ganhar novos desdobramentos dentro do seu entendimento. A experiência de empregada colocou

para ela qual era o real distanciamento existente entre negros e brancos, pois a sua patroa a insultava e não tinha nenhuma reserva de estima para com ela.

A patroa não se dirigia a ela pelo nome, e estando Maya de posse de uma maturidade pessoal e intelectual acentuada, entende que a atitude da mulher refletia muito bem como os brancos buscavam o tempo todo enfraquecer a identidade das pessoas negras, ao subordiná-las e inferiorizá-las. Sentindo-se hostilizada e humilhada, Maya vingava-se da patroa, quebrando suas porcelanas, o que a enfurece e faz com que Maya seja demitida. Esse fato sinaliza para a formação posterior de Maya como ativista dos direitos humanos e sua postura de coragem no enfrentamento do preconceito de cor. A autobiografia vai nos dando pistas de sua formação política e de escritora.

Em meio a todos os dissabores, a religião apresenta-se como uma forma de resistência das comunidades negras. Por intermédio da religião eles ganham voz, dispondo de certa liberdade para expressar seus pensamentos. Os cultos eram cercados de críticas ao poder dos brancos, porém sem nomeá-los explicitamente em seus sermões. Os pastores denunciavam as desigualdades e expunham o sofrimento dos negros oprimidos e contribuíam para que os fiéis entendessem que, para o poder divino, a situação de injustiça em que viviam não era adequada. Demonstravam nos sermões que Deus, de certa forma, condenaria tais atos violentos de segregação. Muitas falas na igreja eram endereçadas ao assunto de segregação racial e como superar as iniquidades.

Em dado sermão, em uma situação narrativa, a escritora, por intermédio da pregação de certo pastor, descreve uma luta de boxe entre um lutador negro contra um branco. Narra-se a luta e como sobressaía o engajamento da comunidade negra para torcer pelo lutador negro. O que predominava nessa adesão não era o interesse pela luta em si, mas a luta de cores, o aspecto racial, a supremacia de poder imposta pela força. Na luta, os negros colocavam toda a esperança, no sentimento de ser superior e derrotar a supremacia branca. Após a descrição do sermão mencionado, Angelou enfatiza o clima de conscientização negra aos desmandos dos brancos. A fala religiosa tinha poder de politização na comunidade. Também sinaliza para a formação da escritora que muito foi auxiliada pela sua frequência aos cultos. Como mencionado, sua avó a obrigava a ir à igreja. Ela adquire desse ambiente certa consciência de sua etnia em confronto com os brancos. Relatando o sentimento do sofrimento negro, declara o seguinte:

Minha raça gemeu. Era nosso povo caindo. Era outro linchamento, mais um Negro enforcado em uma árvore. Mais uma mulher emboscada e estuprada. Um garoto Negro chicoteado e ferido. Eram cachorros na trilha de um homem correndo por pântanos gosmentos. Era uma mulher estapeando a empregada por ser esquecida. (ANGELOU, 2018, p. 162).

Com a vitória do lutador negro descrita no sermão, a comunidade negra presente se sentiu empoderada. Por um momento, todos se sentiram vingados ante a supremacia branca, podiam então provar que também eram bons. A vingança havia se cumprido e a vitória do negro contra o branco acalentou o coração dos membros da igreja. Podiam orgulhar-se de sua cor e olhar para frente, sem ter que abaixar a cabeça novamente. Desse modo, a igreja também foi fonte de formação identitária para a escritora. Essa situação narrada sinaliza para a igreja como palco de politização:

Os reverenciadores e rastejadores históricos dos Estados Unidos se moviam com tranquilidade e alegria na igreja improvisada. Tranquilo porque, apesar de talvez ser o pior dos piores, pelo menos não eram dignos de caridade e naquela Manhã, Jesus separaria as ovelhas (eles) dos bodes (brancos). (ANGELOU, 2018, p. 154)

Passado o tempo, a dedicação de Maya aos estudos era notória, ela destacou-se diante dos estudantes da sua idade. Durante esse período, ela sabe pela primeira vez o que é ter uma amiga ao conhecer a menina Louise. Ambas atravessavam os mesmos desafios de superar as mazelas impostas pela condição familiar, racial e de gênero. Nessa fase da sua vida, recebe o primeiro pedido de namoro de um menino da escola, esse ato a deixou muito transtornada. Esse pedido a fez recordar do passado triste dela com o sexo masculino.

Seu irmão Bailey também aflora para os relacionamentos amorosos, porém, se envolve com uma garota mais velha, que o inicia na vida adulta. Entrando-se no ano de 1940, Maya, aos doze anos concluiu a oitava série do ensino fundamental, em um colégio cuja maioria era branca. O evento de sua formatura enche a família dela de orgulho, Momma confecciona com suas próprias mãos o vestido de formatura da neta. Durante a cerimônia de formatura, um professor é convidado para discursar. Suas palavras mancharam o dia da formatura ao afirmar que o restava às crianças negras era se destacar nos esportes e não na carreira acadêmica.

As palavras proferidas pelo professor deixaram Maya muito revoltada intimamente, assim como os outros colegas dela que eram negros. Narra-se que, após essa fala desastrosa do professor branco, como protesto à declaração feita, o orador negro discursou a favor dos negros, enfatizando que poderiam ocupar outros cargos além dos esportes. A comunidade negra presente iniciou seu protesto, entoando uma música denominada “*Lift Everybody Voice and Sing*”¹⁵, em alto tom o que causou orgulho em pertencer à comunidade negra. A música entoada por eles era conhecida como o Hino Nacional Negro.

Estávamos no topo de novo. Como sempre, de novo. Nós sobrevivemos. As profundezas eram geladas e escuras, mas agora um sol forte iluminava nossas almas. Eu não era mais só uma integrante orgulhosa da turma de formandos de 1940; eu era uma integrante orgulhosa da maravilhosa e linda raça Negra. (ANGELOU, 2018, p. 215).

A narrativa segue e conta outras situações de luta e resistência. Passando-se os dias e meses, em certa ocasião, Maya foi acometida por uma dor de dente torturante. A urgência com que se apresentou a dor requeria tratamento odontológico. Na comunidade e imediações não existia nenhum cirurgião dentista que pertencesse à comunidade negra. O único dentista negro conhecido da família tinha seu consultório muito distante, o que dificultava a ida até ele. Devido ao sofrimento contínuo de Maya, pela dor que insistia em não passar, Momma resolveu levá-la a um dentista branco que ficava próximo.

Chegando lá, o dentista humilhou as duas, dizendo que preferiria tratar do dente de um cachorro, do que tratar o dente de uma negra. Durante a Grande Depressão Econômica¹⁶ que avassalou a economia mundial em meados de 1929, Momma ajudou o dentista financeiramente, emprestando a ele uma soma em dinheiro. Então, ela foi até ele com a intenção de que ele agisse com reciprocidade, dada a situação em que se encontrava a sua neta. Mas, não foi assim que ele agiu. Percebendo Momma a recusa e hostilidade como foram tratadas, em forma de

¹⁵“Ergam todas as vozes e cantem Até a terra e o céu ecoarem a canção da Liberdade...” Poema escrito por James Weldon Johnson. Música composta por J. Rosamond. Ela é considerada nos Estados Unidos como o hino nacional negro, transformada em música pelo irmão de Johnson, John Rosamond, durante os anos 1900. A Associação pelo Avanço das Pessoas Negras (NAACP, na sigla em inglês), que luta pelos direitos civis de minorias étnicas nos EUA, adotou “*Lift Every Voice and Sing*” como sua música oficial em 1921.

¹⁶A Grande Depressão, também conhecida como Crise de 1929, foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial.

represália, cobrou o que ele lhe devia com juros exorbitantes, e retornou com sua neta para casa. Passados alguns dias, Momma levou a menina ao dentista que atendia os negros e a situação se resolveu.

O fato narrado contribui para reafirmar a penosa juventude da autora e de como essa situação forma a sua vontade de lutar via literatura posteriormente. Conforme os irmãos iam crescendo, principalmente Bailey, que estava passando da fase pré-adolescente para jovem, Momma começou a temer por ele, com receio de que os brancos lhe fizessem algum mal. Antes que alguma coisa pior viesse a acontecer, ela decide levá-los novamente para morar com a mãe, agora na Califórnia. Sua decisão deu-se devido às pressões raciais que começaram a afetar negativamente seus netos, principalmente Bailey. No início da adolescência, as chances de ele sofrer duras represálias e violências dos brancos do sul eram certas. Buscando dirimir esta situação, toma essa decisão, ainda que lhe pesasse o coração a ausência dos netos. Ela acompanha-os na viagem até a Califórnia e permanece lá, até que a mãe das crianças se organizasse para cuidar delas. Quando ela percebe que já está tudo arranjado, retorna para Stamps.

No seu retorno, a autora descreve as mudanças ocorridas no oeste americano após os EUA participarem da Segunda Guerra Mundial. “A Segunda Guerra Mundial começou em uma tarde de domingo, quando eu estava indo para o cinema. As pessoas na rua gritavam: ‘Estamos em guerra contra o Japão’” (ANGELOU, 2018, p. 242). Os negros que lá viviam em nada faziam lembrar os negros do sul, ali eles competiam e trabalhavam lado a lado com brancos analfabetos nas indústrias de armas. Via os japoneses rejeitados pelo governo pós-guerra serem expulsos de suas casas e os negros ocupando os seus lugares, formando os guetos e avançarem ao enfrentamento do racismo branco. “A população oriental foi diminuindo diante dos meus olhos” (ANGELOU, 2018, p. 27). Ao vivenciar esses acontecimentos, Maya se identifica com a comunidade negra que começa a conhecer e passa cada vez mais a vivenciar um pertencimento vinculado a uma etnia.

Ela retorna à escola sendo promovida à série avançada após os professores notarem seus conhecimentos. É transferida para uma escola de brancos, onde somente ela e mais dois estudantes são negros. Aos 14 anos ganha uma bolsa de estudos para estudar dança e teatro em uma renomada escola na Califórnia. Sua mãe casa-se novamente com um homem negro rico, sua riqueza era de origem

ilícita, pois enriqueceu enganando brancos em negócios com jogos de azar. Maya percebe que, ao contrário de seu pai biológico, o padrasto a trata com carinho, orgulhando-se, ao se referir a ela como enteada. Isso faz com que ela se identifique com ele. Com o passar do tempo, ele passa a ocupar o local do pai ausente. O pai biológico sente ciúmes de sua boa relação com o padrasto, então decide levá-la para uma viagem consigo e com sua namorada para o México. Lá, o casal briga por sua causa. Assustada e magoada com o ocorrido, decide fugir do pai e acaba morando por um mês em um ferro velho na companhia de outros sem teto.

Preocupados com seu sumiço, seus parentes empreendem uma jornada de busca. Quando a encontram, entram em contato com sua mãe que lhe envia uma passagem de volta para São Francisco. Durante esse tempo morando dentro de um carro em um ferro velho, ela conhece diferentes tipos de pessoas, as quais a fazem repensar as desigualdades, sejam elas raciais, sociais ou familiares.

Depois de um mês, meus processos de pensamento tinham mudado tanto que eu mesma mal me reconhecia. A aceitação inquestionável dos meus colegas afastou a insegurança familiar. Era estranho que as crianças sem teto, o limo deixado pela guerra, pudessem me iniciar na irmandade dos homens. (ANGELOU, 2018, p. 292).

Foi a partir da convivência com estranhos que Maya reforçou o sentimento de pertencer ao grupo dos excluídos. Novo revés é narrado e atinge o seu irmão a quem ela tem muito apreço. A convivência com a mãe, bem como o modo de vida que ela levava começaram a afetar negativamente o irmão Bailey que, orientando-se pelo exemplo que tinha em casa, começa a namorar uma prostituta branca. A atitude do rapaz não agradou nem um pouco a mãe, então os dois brigam e ele decide ir embora de casa. Maya sente-se muito triste pelo ocorrido, pois ele era seu companheiro inseparável.

Completados os 15 anos, Maya decide arrumar um emprego, dando uma pausa nos estudos, na escola e nas aulas de dança. Ela candidata-se então, a uma vaga de condutora de trem. Apesar das políticas racistas que cercavam a sua contratação, ela insistiu até que conseguiu a tão sonhada vaga, tornando-se aos quinze anos a primeira negra a conduzir bondes em São Francisco.

Quando Maya retorna à escola, sente-se deslocada diante dos seus colegas. As transformações ocorridas em seu corpo fazem com que ela se sinta diferente, percebendo-se menos feminina que as outras meninas. Após a leitura de um livro

chamado “Poço da solidão” (uma obra de ficção que trata de lesbianismo escrita em 1920 de Radclyffe Hall), teme ser lésbica e conversa com sua mãe sobre o assunto, que lhe aconselha a arrumar um namorado. Porém, não sendo bonita para os padrões existentes, não encontra com facilidade alguém do sexo oposto para se relacionar. Decidida a tirar a dúvida sobre sua sexualidade, ela então propõe a um garoto conhecido que os dois namorem por um dia. Os dois mantêm uma relação íntima durante um encontro, a qual não foi significativa para ela a ponto de sanar suas dúvidas. Três semanas depois, Maya se descobre grávida, no entanto, assume toda a responsabilidade por seu ato. Precisando ser aconselhada sobre o ocorrido, escreve uma carta contando o fato para Bailey, que a orienta a não revelar para ninguém por enquanto, pois temia que com isso ela pudesse perder o ano na escola. Motivada pelo irmão, ela então esconde de todos a gravidez, retomando as atividades escolares. Com oito meses de gravidez já não pode ocultar sua situação e, quase perto de ganhar a criança, ela vê seu segredo revelado. Todavia, consegue se formar nos estudos. Quando ela relata sobre a gravidez, sua mãe e seu padrasto, a princípio, ficam assustados, mas reagem positivamente e aceitam a gravidez. Como mãe solteira, Maya já iria sofrer muitas humilhações, pelo que decidem apoiá-la. A narrativa da obra se encerra quando, aos 16 anos, Maya Angelou, dá a luz ao seu único filho, e sua mãe a ajuda e incentiva nos cuidados com o recém-nascido, encorajando-a a seguir sua vida à diante. Essa situação também é decisiva para a formação de Maya, pois demonstra a coragem e o apoio familiar

ESTADO DA ARTE: VOZES NEGRAS NACIONAIS SOBRE MAYA ANGELOU E O FEMINISMO NEGRO

A luta das mulheres por igualdade de direitos é milenar. Não é escopo desse trabalho trazê-la em detalhes. Todavia, Angelou, em decorrência de sua militância política e discursiva, tem influenciado o feminismo americano negro e dos demais feminismos em outros países aonde chegam as suas obras. Desse modo, trataremos brevemente de sua influência nesse campo.

O feminismo nos EUA, sobretudo os das décadas de 1960 a 1980 e seus desdobramentos posteriores se estenderam para vários países do Ocidente, inclusive para o Brasil. Com esse feminismo, a figura de líderes negras também são

mobilizadas e passam a ser conhecidas e estudadas o que é o caso de Maya Angelou.

Nos Estados Unidos, o movimento feminista da época delimitada tinha como objetivo a discussão sobre desigualdade de gênero, objetivando conquistar a igualdade feminina perante a masculina nos campos sociais, econômicos, políticos. As primeiras feministas desse período eram em sua maioria mulheres brancas, de classe média e com acesso à educação formal, reivindicando uma vida pública semelhante à dos homens. Entretanto, a mulher negra ficou bastante marginalizada desse processo e, somente após a década de 80, surgiram com mais verticalidade as suas vozes de modo mais proeminente, reivindicando melhores condições de trabalho, equidade social, vida pública e política e discussão sobre sua cor e papel na sociedade como cita Angela Davis:

Proporcionalmente, mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. (DAVIS, 2013, p. 9).

Líderes feministas negras tentaram negociar um espaço no pensamento feminista para considerar as subjetividades e direitos relacionados à etnia. Óbvio que essa luta negra sempre existiu, mas se consolidou, sobretudo a partir de 80. Todavia antes disso, temos O Coletivo Combahee River¹⁷, em 1974, como exemplo ilustrativo em que a libertação das mulheres negras implicava liberdade para todas as pessoas, uma vez que exigiria o fim do racismo, sexismo e opressão de classe. Aqui a questão econômica se vincula a uma perspectiva marxista, colocando na berlinda a questão da pobreza que leva à iniquidade social. Isso não era uma pauta das feministas brancas de classe média. A obra de Angelou é da década de 1970 em diante e já se instituíra como um libelo contra a opressão feminina negra nos EUA, embora esse movimento negro seja anterior, como nos relata a historiadora a seguir:

As mulheres negras do século XIX estiveram mais conscientes da opressão sexista do que qualquer outro grupo feminino da sociedade americana tivesse estado. Não foi apenas o único grupo feminino mais vitimizado pela discriminação sexista e pela opressão sexista, a sua impotência era de tal

¹⁷O Coletivo Combahee River foi uma organização negra feminista ativa em Boston de 1974 a 1980, fundado por Barbara Smith, seu nome é um reconhecimento simbólico pelo heroico ato de Harriet Tubman que em 1863 libertou 750 escravos perto do Rio Combahee na Carolina do Sul.

forma resistente que dificilmente podia tomar a forma de ação coletiva organizada. O movimento de direitos de mulheres do século XIX podia ter providenciado um fórum para que as mulheres negras exprimissem as suas queixas, mas o racismo das mulheres brancas impediu-as de participarem de forma total no movimento. (HOOKS, 1981, p. 116).

Embora o feminismo negro tenha raízes anteriores ao século XX, esse movimento não teve um local de destaque no feminismo branco da década de sessenta, setenta e oitenta. As mulheres negras eram frequentemente abandonadas e desconsideradas pelas feministas brancas. Isso, no entanto, não as impediu de criar um caminho separado para si mesmas, lutando pela causa. E Angelou colocou-se nesse cenário, influenciando com sua militância e obra esse movimento mais específico e étnico.

O feminismo negro tem lutado pela perspectiva da interseccionalidade em que, na luta, relacionam-se as questões de integração de etnia, gênero e classe. Angelou trata dessa interação. Não só uma luta por igualdade de direitos semelhantes a dos homens, mas por questões étnicas e econômicas, vindo a criticar as relações capitalistas e de segregação racial. Sua obra contribui para esse campo de luta.

Algumas mulheres negras sentiram-se alienadas das principais bandeiras do movimento feminista branco que defendiam amplamente o direito das mulheres a trabalhar fora de casa e a expansão dos direitos reprodutivos. Essa pauta para a mulher negra não era novidade, trabalhar fora de casa não era visto como uma conquista pelas mulheres negras, pois muitas mulheres negras tinham que laborar dentro e fora de casa por gerações e gerações devido à pobreza. Elas pertenciam a uma classe econômica inferior e não eram contempladas pelo feminismo branco, geralmente composto por mulheres que vinham de famílias abastadas, e que não trabalhavam fora do espaço doméstico, inclusive empregando mulheres negras por salários baixos.

Podemos considerar Angelou como uma mulher negra que, ao longo de sua vida, rompeu vários paradigmas existentes em sua época, sendo exemplo para o feminismo negro. Sua personalidade marcante, seus feitos, experiências, sua capacidade de superar obstáculos da vida a tornam uma figura significativa para a luta afro-americana, principalmente para as mulheres. Sua voz ressoa através dos tempos e transpassa barreiras entre países, podendo ser generalizada para a luta do feminismo negro do Brasil. A autora, Maya Angelou, situa sua narrativa, *Eu sei*

por que o pássaro canta na gaiola, dentro da história americana, porém, se lermos atentamente sua obra, encontramos muitas brasileiras nas mesmas situações narradas. Por isso a relevância de se ler a obra no Brasil. Esta breve seção sobre Maya e o feminismo nos mostra que sua obra também alcança esse movimento de resistência.

Ao analisarmos os escritos sobre Maya Angelou no Brasil, constata-se que são poucos textos sobre a autora. O fato de não ser muito popular não faz com que sua obra não seja importante, pelo contrário, a obra de Maya alcança nítida notoriedade no que diz respeito aos estudos e discussões no campo tanto dos confrontos étnicos quanto do feminismo negro.

Ao pesquisarmos a contribuição e análise da obra, encontramos análises em blogs com intuito de pesquisa de discussão do papel feminino negro, principalmente. Um dos estudos encontra-se em blogs na internet da Tagblog, publicado no dia 26 de outubro de 2018, intitulado de “11 curiosidades sobre Maya Angelou.” O texto descreve fatos e curiosidades sobre a vida e a obra de Maya Angelou. Dispõe de algumas dissertações e artigos publicados, principalmente no campo da literatura ligada a Letras Inglês, Estudos Linguísticos e Culturais.

A dissertação *Maya Angelou: gênero, autobiografia, violência e agenciamento em I Know Why the Caged Bird Sings*, escrita em 10 de agosto de 2011 por Raquel D’Elbox Nunes, trata de questões como autobiografia de mulheres negras. No caso de Maya Angelou, sua história desconstrói o estereótipo de mulher submissa e passiva diante dos limites sociais impostos pela raça e gênero da época. Trata das questões de violência feminina e infantil, no caso o estupro infantil narrado na obra bem como a desmistificação do corpo feminino como posse masculina.

Já a dissertação de mestrado escrita e defendida por Cláudia Corrêa no ano de 2009 sob o título *Ecos da solidão: uma autobiografia de Maya Angelou* tem como foco a construção da identidade por meio da palavra escrita em forma de autobiografia. A obra é utilizada para abrir uma reflexão sobre o passado sofrido de resistência de Maya e como este foi base para ela se tornar, no futuro, exemplo de superação, transformação e resistência para seus pares. A escrita se embasa na importância da obra de Angelou devido ao seu esforço pioneiro em confrontar abertamente seu passado e fazer de suas mazelas pessoais um meio catártico: vencer seus traumas e retornar renovada. Tece um panorama da história da escravidão negra nos Estados Unidos, a diáspora africana nas Américas, passando

pela discriminação social, segregação nas colônias do norte e do sul, as guerras mundiais e a luta negra pelos direitos civis.

O romance autobiográfico de Maya Angelou é explicitado pela autora cuja voz também faz uma espécie de metalinguagem sobre si, podendo ser incluído na revisão de literatura sobre ela. Assim se coloca Angelou:

Autobiografias são terrivelmente sedutoras. Quando comecei a escrever, percebi que estava seguindo uma tradição estabelecida por Frederick Douglass, que é a narrativa escrava. Falando na primeira pessoa do singular sobre a terceira pessoa do plural. Sempre dizendo 'eu', que significa 'nós'. (ANGELOU, 2018, p .03).

Maya cita que seu romance autobiográfico trata da descrição de situações vividas por ela, mas que, de certa forma, se estendem a toda a etnia negra, em especial às mulheres. Os acontecimentos narrados por ela se tornam vivências comuns entre os seus iguais. Ela escreve o que viveu.

Partindo deste princípio da narrativa de fatos reais vividos, podemos analisar a escrita de Maya através do conceito de “escre (vivência)”, trabalhado pela escritora brasileira que é uma das vozes negras mais importantes na atualidade, a escritora brasileira Conceição Evaristo¹⁸. Em entrevista ao Tagblog, em 24 de outubro de 2018, Evaristo trata sobre a obra *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*:

Sem dúvida alguma, o conceito de “escrevivência” pode ser usado para analisar, para ler, para compreender a obra de Maya Angelou. Foi de suas experiências pessoais e do coletivo que a autora construiu a matéria de sua escrita. O movimento que se dá justamente depois de um profundo mergulho interior em seus momentos de análise, em que o seu analista a aconselha a escrever as suas memórias de infância e juventude. (EVARISTO, 2018).

Evaristo apresenta, em sua escrita literária, A representação das vozes de mulheres negras oprimidas descritas em seus textos. Desse modo, aproxima-se de Angelou:

Sendo as mulheres negras inviabilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de

¹⁸Maria da Conceição Evaristo de Brito (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1946). Romancista, contista e poeta. Tem participação em revistas e publicações, nacionais e internacionais, que tem por tema o afro brasilidade. Tal engajamento inicia-se na década de 1980, por meio do Grupo Quilombhoje, responsável pela estreia literária de Conceição em, 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros. Suas obras, poesia e prosa, especialmente o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), abordam temas como a discriminação de raça, gênero e classe. Atualmente, Conceição leciona na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como professora visitante.

estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever nos corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205)

A autora utiliza-se de linguajares do cotidiano reelaborados pela literatura se posicionando sobre a realidade. Ela colhe e descreve histórias do cotidiano (escrevivências), observando a vida das outras pessoas que fazem parte do seu cotidiano e as transforma em literatura.

Na mesma entrevista para o Tagblog, Conceição Evaristo descreve a obra de Maya Angelou:

Que estarão com uma obra instigante, dolorosa e profundamente humana. Ler Maya Angelou é mergulhar na vida estadunidense do início do século XX, com suas problemáticas raciais e acompanhar a trajetória de mulher que apesar de tanto sofrimento, de tanta violência sofrida, ainda encontrou forças para se comprometer com a luta dos Direitos Civis dos Negros Americanos. Ler *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* é entender, também, como a escrita, como a literatura pode ser um meio, um exercício de reflexão e de sublimação da dor. (EVARISTO, 2018).

Contudo, podemos concluir que as questões de discriminação racial, inferiorização da mulher e a luta pela igualdade social feminina não é narrada somente por Maya Angelou e não é exclusivo da história dos EUA. No Brasil, também podemos observar os mesmos temas e as mesmas lutas. Por essa razão Evaristo é também leitora de Angelou e compartilha de suas ideias. A historiadora Djamila Ribeiro assina o prefácio da tradução de *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, reeditado no ano de 2018 e lançado no Brasil no mesmo ano. Assim ela define a escrita de Maya Angelou:

Um verdadeiro grito por autoestima e autodefinição das mulheres negras que rompem com a visão colonizadora sobre seus corpos e suas vidas. O orgulho de ser quem se é e a exaltação da beleza e força de forma humana e potente. (RIBEIRO, 2018).

Para a pesquisadora, a obra também é um exemplo de superação dos obstáculos e de tristezas, à medida que conta o que passou no passado e com isso significa não somente a si mesma, mas através de suas narrativas narra a história

de tantas outras mulheres negras que historicamente passaram pelos mesmos caminhos árduos: “Não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você.” (RIBEIRO, 2018).

Classificada pelos críticos como sendo uma escritora de romances autobiográficos, Maya Angelou é considerada como uma respeitada porta-voz da etnia negra principalmente do feminismo negro. Produziu obras consideráveis em defesa da cultura negra norte-americana. Foi uma autora polêmica e por várias vezes sofreu tentativas de censura em suas obras nas livrarias norte-americanas.

Citamos como material de divulgação da obra e significação de Maya Angelou, o documentário *Maya Angelou, e Ainda Resisto*, disponível na plataforma Netflix. Lançado em 2016, dois anos após sua morte, nele, Maya conta como foi sua infância vivendo no Arkansas com sua avó Momma, sobre todos os tipos de preconceitos que sofreu e do seu sentimento de não pertencimento àquela comunidade, aquele lugar bem como as marcas e cicatrizes que o preconceito deixou em sua vida e memória. Maya retorna a Stamps, no Arkansas, após 30 anos, e relembra dos fatos ocorridos na sua infância, sons, odores, sensações. Relembra que foi muito magoada naquela cidade e, ao mesmo tempo, muito amada.

O documentário é bastante denso e emocionante, e traz entrevistas e depoimentos da própria Maya, já na meia idade. Nele, ela narra acontecimentos presentes na sua autobiografia e aparecem também trechos de suas palestras e imagens dela no decorrer de sua vida pessoal e pública. O documentário conta com depoimentos de artistas e pessoas importantes que conviveram com Maya e foram influenciadas por seus ideais e por tudo que ela realizou e acreditava. Tem a participação de seu filho Guy Johnson, que em entrevista, narra acontecimentos familiares e como era sua relação com a mãe, Bill Clinton, Oprah Winfrey, entre outros.

4. PERSPECTIVA TEÓRICA DE MIKHAIL BAKHTIN: VOZES SOCIAIS E EXOTOPIA

Mikhail Bakhtin é considerado pelos estudiosos do campo linguístico como o precursor da Linguística Moderna. Foi um importante filósofo, teórico de artes e pensador acerca da cultura europeia a partir da década de 1920. Foi professor e na área acadêmica, constituiu um pequeno círculo de amizade com intelectuais de

campos do conhecimento variados como filósofos, biólogos, músicos, estudiosos da linguagem e da literatura que se reuniam regularmente em torno de dois projetos principais: o de construir uma reflexão filosófica e de contribuir para a criação de uma formação ideológica. Esse círculo foi se ampliando e posteriormente ficou conhecido como Círculo de Bakhtin. Para ele, a linguagem humana é uma prática cotidiana e social que engloba a experiência das relações entre os indivíduos.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma forma viva e tensa. (BAKHTIN, 2010, p. 88).

Na obra *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, a escritora Maya Angelou escreve sobre si mesma, podendo o romance ser considerado uma autobiografia. A autora revisita o seu passado, suas memórias e transforma a si mesma em a principal personagem do romance. Entretanto, como em qualquer enunciação autobiográfica, distancia-se dela mesma para contar sobre si e outros. Esses vão surgindo também em forma de personagem, que se relacionam diretamente com a autora.

Retomando o seu passado, sua história, sua infância e juventude, traz momentos históricos importantes ocorridos nos EUA na época em que ela vai descrevendo a narrativa de sua vida. Desse modo, sua biografia é uma crônica social, visto estar inserida e ancorada em coordenadas históricas e especialmente concretas. Daí que seu discurso já não é só enunciador de uma vida subjetiva apartada dos demais. O romance é biografia, relato e documento histórico também. Segundo Bakhtin,

Deste modo, em cada momento de sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc., Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos. (BAKHTIN, 2010, p.98).

A linguagem é sempre um elemento mediador, que comparece entre o vivido e o escrito. À medida que escreve sobre si, analisa os fatos de certos locais e espaço, em certa medida, exotópicos. A escritora, já adulta, escreve sobre a menina

e a jovem que foi. Há mediação discursiva e valorativa nessa enunciação romanesca. Em seu relato, enquanto escritora vê a menina e a jovem Maya e as mobiliza no tempo e espaços, sofrendo as agruras da vida negra e resistindo a elas. A sua narrativa, embora pessoal, é também a força da representatividade de toda uma comunidade de mulheres negras, cujas vidas se assemelham a de Maya.

O romance se generaliza a partir da particularidade de uma vida. Essa vida é narrada, não a partir de um narrador fechado e enclausurado em si, mas dada na corrente da concretude existencial, assegurando, assim, a sua representatividade social e histórica. Esse dialogismo entre si e o outro é o que institui o gênero biográfico e é inerente à linguagem que é uma ponte entre si e o outro. A teoria bakhtiniana embasa essa perspectiva visto que ancora na filosofia da linguagem.

[...] a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. [...] Em essência, para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção sócio ideológica viva e enquanto opinião plurilíngue, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar através de sua orientação semântica e expressiva (BAKHTIN, 2010, p. 100).

A partir do momento em que a autora reconta a sua história, a sua linguagem não representa mais somente a sua subjetividade, pois ela o faz através das experiências vividas coletivamente, contando sua infância e adolescência por intermédio do olhar da outra Maya adulta, sua linguagem toma uma dimensão de cunho social e não mais inteiramente subjetiva. A partir da concepção de uma visão mais definida, ela observa o que excedeu da sua visão, modificando a visão sobre si, diferenciando o seu olhar sobre o outro. De posse desse seu olhar exotópico, é como se ela formulasse então uma nova versão dela mesma, tornando-se a partir dessa observação de si mesma uma outra pessoa, povoando o seu discurso com experiências já vividas. A autora se abstrai de si mesma, para poder se ver melhor e contextualizar-se no momento histórico e social vivido. Sua linguagem já não é mais inteiramente subjetiva, posto que vem carregada de observações e contribuições sociais.

O conceito de exotopia partindo do pensamento de Bakhtin nos norteia dessa reflexão. O discurso não é algo exclusivo do sujeito, mas sempre depende do extralinguístico e do endereçamento ao outro para significar e estruturar. A interpelação discursiva tem um emissor e um destinatário e se posiciona sobre algo, e esse posicionamento depende exclusivamente da visão que o emissor tem do destinatário e de seu contexto, pois o discurso é carregado de valores, de ideologia.

Maya se posiciona sobre si e o mundo que a rodeia, mediante uma linguagem ideológica valorizando ou depreciando este mundo. Quando Maya é o objeto de seu próprio discurso, a narradora se posiciona valorativamente em relação a si. A linguagem une as duas Mayas, mas há certo distanciamento entre elas, visto que a linguagem é a mediadora. Há aproximação e exotopia. Obviamente que o contexto extralinguístico de Maya, extremamente hostil aos negros, direciona a sua narrativa que está carregada de juízos de valor contra a segregação étnica.

O discurso literário se comporta também dessa maneira visto ser instituído pela linguagem, e essa é social. A partir daí, não se pode analisar uma obra literária sem o seu contexto extra literário. No caso da autora, ela narra sobre si mesma de forma exotópica, uma vez que recria a si mesma afastada de sua infância e juventude. Decorrem anos, pois sua escrita é sobre o vivido no passado. Obviamente que a exotopia não é total, visto que narra sobre si e não se neutraliza. Sujeito e objeto do discurso se encontram na linguagem. Escrevendo sobre si, distanciada parcialmente, a total exotopia seria impossível. Mas a identificação total também se torna impossível. O memento entre distanciamento, exotopia e identificação é constante e não há uma métrica precisa para separar o sujeito e o objeto.

O fato de Maya escrever sobre o seu passado já atesta a exotopia, pois escreve no presente se referindo a outra temporalidade. Viveu o racismo enquanto criança e jovem, contudo escreve sobre ele. Isso só é possível a partir da exotopia, da linguagem e da temporalidade.

A linguagem é sempre mediadora e não documento, ou seja, narra-se não exatamente o que se viveu, mas o que aconteceu formalizado pela linguagem. Essa tem filtros valorativos e percebe os fatos de modo interpretativo. A linguagem não se coloca às coisas, mas as nomeia. Na obra *A Estética da Criação Verbal*, quando o autor trata da relação entre autor e herói, nesta perspectiva, o autor sabe mais que o

herói, criando assim um excedente de visão em relação à existência do herói, e a sua consciência.

No caso de Maya, ela é a autora e a heroína. Distancia-se de si e encontra a si por meio da autobiografia. Ela vê a si mesma, mas da perspectiva da escritora adulta, não mais na perspectiva da menina e da jovem que foi. Todavia, a menina e a jovem não são neutralizadas. Existencialmente, a neutralização de si é possível. O eu vivido só desaparece, em certas circunstâncias, mediante uma patologia cerebral. A fala sobre a autora, partindo dela mesma, torna-a a sujeito e objeto, ocorrendo aí a perspectiva dialógica e exotópica. Há um movimento dialógico entre si e o outro. Nas palavras do filósofo russo, encontramos suporte:

[...] O discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói; o interesse (ético-cognitivo) que o acontecimento apresenta para a vida do herói é englobado pelo interesse que ele apresenta para a atividade artística do autor. (BAKHTIN, 1992, p. 34).

Recontando sua história, a autora toma ciência de que os acontecimentos do seu passado influíram na sua formação étnica identitária e interferiram nas suas escolhas futuras. Em outras palavras, não retorna ao seu passado impunemente, não olha com os olhos da inocência infantil, mas, traz consigo a bagagem que acumulou durante a sua trajetória. Seu olhar já não é mais neutro. Ela recria a si mesma, contextualizando sua história, ou seja, centrando em sua afro-descendência. A sua trajetória de vida é única, mas coletiva, pois pode ser generalizada, para a realidade de outras mulheres parecidas com ela. Angelou, ao falar de si, dá-se conta que fala das outras mulheres cujos destinos se parecem com o seu. Sua manifestação é tanto apegada ao que viveu, quanto pode ser generalizada para a mulher afro-americana. A exposição tanto parte de sua experiência como também parte do outro, ou seja, é o relato de Angelou, mas pode ser o relato de muitas Angelous nos EUA. É um romance intersubjetivo. É desta forma também que se dá a exotopia. Maya fala sobre si, mas também esta fala conta sobre outras mulheres cujas histórias convergem com a sua. O discurso literário é social porque engloba o outro. O eu e o outro se encontram no discurso em relação dialógica e exotópica.

[...] o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo,

graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos dos outros. (BAKHTIN, 1992, p. 36)

A autora, ao contextualizar a sua obra, trata de questões sociais nos Estados Unidos no início do século XX. Os principais elementos destacados são: a segregação, discriminação e preconceito racial, violência, questões familiares, condição dos trabalhadores pobres, economia americana em tempos de crise. Sua obra também é um documento cultural, étnico e histórico. Maya afirma sobre essa contextualização a que referimos. “Quando escrevo eu, o significado é nós”. (D’ANGELO, 2018, p. 13). Essa afirmação reforça a exotopia do discurso. A obra é um relato sobre si e sobre tantas outras mulheres americanas e negras. Não há discurso ou voz isolada do social, comprovando-se pela narrativa que é relato histórico e discurso literário. Maya não está em uma torre de marfim apartada dos demais, mas irmanada com seus semelhantes. Sua narrativa é sobre a vida subjetiva e social da comunidade negra do século XX nos EUA. Romance biográfico e crônica social ao mesmo tempo. E o relato também é útil para o leitor brasileiro, visto que aqui também a mulher negra passa por agruras semelhantes que são narradas na obra como já salientamos. Segundo Bakhtin, a questão dialógica é inerente a todo ato enunciativo. A literatura é ato enunciativo e, desse modo, podemos compreender essa importante perspectiva que compõe a linguagem.

Utilizando-se das vozes sociais que compuseram sua infância e juventude, Maya ressignifica e deixa bem claro o quanto a discriminação racial, de gênero e de classe social podem causar traumas ao longo da infância e juventude, deixando marcas para toda a vida no indivíduo. Entretanto, a narrativa é de resistência, demonstrando que essas intempéries sociais fortalecem o sujeito, fazendo agir e se inteirar de sua identidade étnica.

O discurso de Angelou não é de autopiedade, mas de luta e combate. Analisando-se a história e a trama do romance autobiográfico de Maya Angelou, podem-se observar as divergências entre posições ideológicas, sociais e étnicas, principalmente oposições entre negros e brancos.

Vozes brancas e negras entrelaçam-se, e desse embate surge a identidade negra de Maya e de seus semelhantes. As vozes negras são mais fortes no romance por sua perspectiva crítica. Ocorre que, como há uma relação de

dominância de formação discursiva de uma sobre a outra, pode-se observar que o discurso dominante na obra encontra-se literalmente na identidade negra.

Em sua exposição, a autora discursa em contestação aos fatos ocorridos em sua infância, os quais fizeram com que a mesma, ao retornar ao seu passado, em memória, para recontá-lo, utilize-se dele para justificar o fortalecimento de sua identidade étnica.

Suas inquietações formaram as bases para que se propusesse a lutar, superando as limitações que lhe eram impostas por questões raciais e de discriminação. O romance foca mais nas vozes negras e femininas, e por este motivo nos levou a investigar melhor essas vozes, delimitando-as para a análise como já mencionado.

As vozes femininas são sujeitos empoderados culturalmente que expõem os fatos. Maya, distanciada no tempo, agora escritora, traz, sobretudo as vozes de sua mãe, suas avós paterna e materna, e sua professora, mobilizando-as em contextos conflituosos a fim de montar a força feminina em cenário inóspito. Ela aciona o protagonismo da voz negra feminina no contexto cultural americano de segregação étnica. O romance é, de certa forma, a representatividade dessa voz.

Exotopicamente, Maya, já no patamar de escritora consagrada, emite sua voz sobre parte da história negra dos EUA, como citado anteriormente.

Considerando-se o entendimento de (SILVA, 2009, p. 79), a formação de identidade carrega consigo sempre um traço de diferença, ou seja, a identidade de um se constrói através da diferença do outro. Em termos bakhtinianos temos a dialogia, ou seja, o encontro em embate, nesse caso, de duas perspectivas identitárias. Uma fortalece e esclarece a outra. Analisando-se a composição da obra, é possível perceber que o embate entre as identidades étnicas é também uma luta pelo poder.

Na formação dessa alternância é que surgem situações de ordem dialógica, constatando-se que a identidade de um se constitui na luta com o outro. Angelou, ao contar as agruras pelas quais passa no mundo dos brancos, demonstrou que soube lutar e resistir, fortalecendo-se. A sua luta é também a luta de muitos negros e negras americanos. Temos aí também a exotopia, pois o confronto de identidade negra e branca esclarece as diferenças. O estar fora da cultura branca, ou seja, em posição exotópica, esclarece a identidade negra, possibilitando a luta contra o preconceito e o racismo. Angelou, na narrativa, foca nesse embate e nos leva a crer

que é nessa luta que a menina e a jovem Maya foram tomando consciência de sua diferença na sociedade americana. Nas palavras de Bakhtin que nos acompanha, temos:

A cultura alheia só se revela em sua completude em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido". (BAKHTIN, 1992, p. 367-368).

Registrando a sua vida em formato de autobiografia, a narrativa traz um sentimento libertador, pois todos os anseios e dúvidas do passado vêm dirimir as muitas incertezas que Maya trazia consigo. As mazelas e flagelos de uma vida regrada pela discriminação e violência, ganham novos contornos, ou seja, transformam-se em fermento para resistir.

O registro é positivo, mas não romantizado ou sentimentalóide. O discurso é forte, e de luta. Também não se escondem as cicatrizes emocionais deixadas por este embate. Essas marcas internas estabeleceram o quão forte ela se tornaria, para empreender uma luta de emancipação em prol de todos aqueles cujos direitos eram cerceados. Angelou trata da difícil luta de construir sua identidade em ambiente inóspito: "Se crescer já é doloroso para uma menina negra do sul, estar ciente de que você não pertence àquele lugar é a ferrugem na navalha que ameaça cortar sua garganta. É um insulto desnecessário." (ANGELOU, 2018, p. 01).

A consciência de classe e de sua etnia é dolorosa, mas a fortalece. Essa consciência é a de muitos iguais a ela. A questão do não pertencimento ao mundo dos brancos é possível via perspectiva exotópica. Maya se constitui em confronto, em embate, pois não é branca, é negra. E, nesse desencontro exotópico, é que esclarece a sua identidade, como de outras tantas Mayas.

A descrição dos fatos remete-se a um passado, apresentando memórias e sentimentos vividos pela personagem. Na exposição, empenha-se por explorar suas memórias, dando um significado mais claro das "lembranças vivas" em sua mente. Dessa incursão interna advêm as dores emocionais, como sangria da alma. Desse

modo, os fatos embora vistos de modo distanciado, ainda a fazem sofrer, pois a linguagem não é somente analítica, mas revive o vivido. Sobre o poder da descrição de Maya, temos:

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo da cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. (BAKHTIN, 1992, p. 371).

É um enunciado forte, positivo, mas dramático. A narrativa tem um tom de emoção, de tragédia, de sofrimento e também de análise de fortalecimento. Narrar o passado é distanciar-se dele e ao mesmo tempo aproximar-se novamente. Por isso, a exotopia total nunca acontece. A situação de estupro vivida exemplifica de modo substantivo essa questão. É forte, triste, emocionante, comovente e também pode ser generalizada para outras meninas que, como ela, passaram por esse tipo de violência. O enunciado de Maya parece uma análise de si, uma resignificação de si, uma crônica social e um libelo, ou seja, um testemunho público que objetiva chegar ao leitor e compartilhar a vida e as saídas encontradas para a conjuntura inóspita sofrida. Eis a arquitetônica do discurso que visa à mobilização de seus semelhantes mediante um testemunho pessoal que se dá a conhecer publicamente. Não tem pejo de narrar o ato mais abominável de que fora vítima, ou seja, o estupro quando criança e de como esse estupro foi descriminalizado pelo mundo dos brancos e de como os negros tiveram que fazer justiça pelas próprias mãos visto que a lei não os atendia.

Mesmo com toda a repercussão positiva da crítica sobre a obra de Maya, o texto foi criticado negativamente por muitos pais, justamente por descrever, em detalhes, o ato de violência sofrido por ela quando estuprada. A resistência ao relato levou, nos anos 1980, ao banimento da obra das bibliotecas e das escolas americanas.

A obra chegou a ser considerada, naquela década, uma das dez mais inapropriadas para ser debatida no campo do saber literário. Não existia espaço que a abrigasse nas bibliotecas, muito menos nas salas de aulas dos Estados Unidos. O discurso ali é duro, detalhado, manifestando a violência contra a criança. Não

esconde, revela uma realidade não só de Maya, mas de várias crianças americanas, sobretudo as negras.

Com o passar do tempo, o pioneirismo do relato vai sendo identificado e a narrativa passa a ser lida justamente como relato social e tendo um poder heurístico ao revelar o crime contra as meninas e meninos estuprados. Maya mostra que é preciso saber da realidade para mudá-la. Atualmente sua obra é reconhecida, fazendo parte das obras mais indicadas para estudantes nas escolas dos EUA.

Dentre os inúmeros episódios negativos, a autora os narra de modo a compartilhar sua história, no intuito de instruir o leitor em uma história pouco contada nos EUA. Suas indagações se remetem à procura de respostas mais concretas para si e para a sua comunidade, por meio das situações relatadas e das reflexões expostas na obra. Lendo-se a narrativa, é possível perceber o quão importante são todos os acontecimentos vividos, sobretudo para a conscientização étnica. Todos eles, de uma maneira ou outra, positiva ou negativamente, podem transmitir um ensinamento para a existência humana, sobretudo para entender a vida em conflito social e étnico e de como é possível ultrapassá-los.

Na obra, como mencionamos a educação formal, a reação de luta e de embate, o testemunho público, o ativismo social e político compõem como saídas da crise ou enfrentamento dela. Maya narra à história de uma batalhadora incansável na obra em questão.

4.1 O ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO E BAKHTIN

A análise estilística do gênero romanesco intensificou-se a partir do século XIX, quando muitos estudiosos abrigaram o olhar crítico e analítico sobre este registro discursivo. Entrementes, seguindo esta perspectiva, temos Mikhail Bakhtin e o Círculo Russo, que estudaram o gênero romanesco enquanto um discurso social dado no contexto histórico e respondendo a este. Os teóricos russos afastam-se de um estudo imanente do romance, passando a vê-lo como um discurso que recupera as vozes sociais existentes, desta feita formalizando-se nas falas de seus personagens. O discurso da vida cotidiana adentra o romance, e os que o estudam devem procurar ver como os romancistas fazem essa formalização de vozes sociais nas falas dos personagens. Desse modo, como já mencionado, delimitamos vozes femininas na obra entendendo-as como representativas de discursos sociais

concretos advindos da comunidade negra em embate com a sociedade dos brancos. Maya Angelou ouve as vozes sociais de seu tempo, a qual faz migrar para o interior do seu romance, vinculando literatura e contexto histórico. Nas palavras de Bakhtin, encontramos:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 2010, p. 88).

Analisando-se a obra, percebemos tensões que se dão entre as vozes, levantando importantes discussões sociais sobre as difíceis relações entre vozes negras e brancas. Através desses tensionamentos sociais, a autora reconta os fatos ocorridos na sua infância e juventude. Percorrendo os caminhos remotos da sua memória, agora já povoados pelas vozes sociais do presente, expõe em forma de romance sua vida. Segundo Bakhtin, a dialogia inerente ao discurso afasta qualquer possibilidade de uma visão da imagem do homem (autor) como ser exclusivamente privado, apartado do social. Na narrativa de Maya os fatos são expostos, manifestando-os em sua plenitude social.

No caso de Maya, ao relatar fatos históricos ocorridos durante a sua infância, ficam evidentes e nítidas para o leitor as questões do racismo, segregação racial e violência infantil, concretas na época narrada e que continuam no tempo atual. De acordo com Bakhtin, nos relatos de biografias e autobiografias da antiguidade, os autores se utilizavam de um tipo de *tempo biográfico*, referindo-se ao homem em seu *ciclo vital* na sociedade. Não era um relato livresco, desconectado da realidade:

Ao falar desse tipo clássico, cabe antes de tudo observar o seguinte. Essas formas clássicas de autobiografia e biografia não eram obras de natureza livresco-literária, dissociadas do acontecimento político-social concreto de sua ruidosa publicação. Ao contrário, eram inteiramente determinadas por esse acontecimento, eram atos cívicos políticos verbalizados de louvação pública ou autoprestação pública de contas de homens reais. (BAKHTIN, 2018, p. 73).

Nesse sentido, o texto de Maya Angelou assemelha-se muito ao que Bakhtin se refere, pois é relato a ser publicado e a ter uma função social de denúncia. Angelou assume seu papel político, ou seja, de agir na pólis, a partir do momento em que ela torna pública sua história de vida. Maya toma a responsabilidade não

somente de ser uma obra literária gratuita, mas também, adquire cunho social de representar fatos públicos comuns em determinado contexto social. Sua prestação de contas com os homens e mulheres reais consiste em expor de maneira aberta e clara as inúmeras mazelas sociais pelas quais ela e sua família passaram, as quais tiveram um reflexo direto em sua vida. A biografia aqui não conta algo extraordinário, mas ordinário, comum, porém interdito no discurso dos negros pelos brancos.

Um dos princípios que fundamentam a concepção teórica do Círculo de Bakhtin é que a linguagem enquanto atividade dialógica é construída através da interação com o outro. Não existem enunciados¹⁹ unívocos, ou seja, tudo o que é “falado”, relaciona-se ao que já foi “dito” ou será dito. Discurso responde ao tempo passado e ao futuro, endereça-se às réplicas e aos contextos. Angelou dialoga ao mesmo tempo com negros e brancos. Seu enunciado conclama a reflexão. Todo discurso é construído através de outro discurso já proferido, pois, toda fala está repleta de “ecos” de outros enunciados. Angelou formaliza as falas sociais de negros e brancos, a fim de registrar certo contexto racista.

As vozes femininas da família de Maya, a saber, de sua mãe, avós, amigas e professoras com quem conviveu, passam a povoar e encorpar o romance escrito por ela. Essas personagens contribuíram para a formação do seu caráter, sua força e resiliência. Ao destacar o papel dessas mulheres, a autora deixa clara a importância e influências recebidas de cada uma delas. Assim se posiciona Bakhtin sobre essas vozes:

Deste modo, em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc. Esses “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos (BAKHTIN, 2010, p. 98).

Um dos principais pontos na obra de Maya é a representação de mulheres negras fortes. Embora tenha lutado contra a insegurança durante a sua infância e juventude, ela teve um número notável de modelos femininos fortes na sua família, assim como na sua comunidade, para se espelhar, dentre as quais se destacam: avó Momma, mãe Vivian, avó Baxter e Bertha Flowers como referido. Eram

¹⁹Bakhtin emprega o termo enunciado, que significa ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos etc. em palavras. (BEZERRA, 2015, p. 11).

portadoras de personalidades e opiniões diferentes sobre a vida, porém todas traçaram os seus próprios caminhos, mostrando agência e autonomia. Dotadas de força e determinação, cada uma, à sua maneira, fizeram com que Maya, mesmo diante das dificuldades decorrentes da sua cor, e em casos mais extremos a humilhação, mantivesse a sobriedade e a persistência em seus pensamentos e ações. A convivência e o aprendizado lhe deram um espírito resiliente, superando dia a dia as diferenças e mantendo o tempo todo o respeito próprio e a dignidade, nunca se deixando abater pelo racismo. Angelou seleciona vozes mais preponderantes para demonstrar a sua formação e fortalecimento de sua identidade. Nem toda a voz tem o mesmo peso. As vozes femininas negras são privilegiadas no romance. As vozes masculinas são mais fracas e contestáveis no romance. As personagens femininas negras recebem tratamento qualitativamente melhor. São descritas, têm falas mais significativas e ocupam um tempo e espaço privilegiado e alargado no interior do romance. Angelou é ideológica em seu discurso e valoriza alguns em detrimento de outros, ou seja, posiciona-se politicamente. Bakhtin, que nos ampara, coloca essa questão romanesca:

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico, harmonioso, expressando a posição socioideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos de sua época. (BAKHTIN, 2010, p. 106).

Nas representações das vozes sociais femininas todas as aspirações para transformação começaram a aflorar no interior de Maya. Discorrendo sobre a força expressiva dessas vozes, nota-se o quanto elas povoaram a infância e juventude da personagem. Os referenciais perseguidos por ela construíram em seu caráter marcas concretas que a levaram a se tornar um modelo de luta e superação. Maya traz em si um pouco de cada personagem feminina com quem conviveu. A rebeldia, solidariedade e autonomia da mãe, a paciência e o amor pela literatura da Sra. Flowers, a determinação, calma e fidelidade à sua etnia de Momma, a coragem e o espírito de empreendedora da avó Baxter. Todas essas personagens viviam sem a presença de provedor masculino. Destacando-se as principais bases para que Maya superasse as muitas amarras durante a sua infância e juventude, encontra-se Annie Henderson (Momma), avó paterna. “As pessoas falavam de Momma como uma

mulher de boa aparência, e alguns, que se lembravam dela na juventude, diziam que era muito bonita. Eu só via deus poder e sua força". (ANGELOU, 2018, p. 65).

Foi a avó quem recebeu Maya e seu irmão quando seus pais resolveram se separar. Momma representou para ela e o irmão o centro da moralidade da família. Criou os netos debaixo de regras restritas, sobre as quais se instavam os valores cristãos e a educação. Pode-se defini-la como alguém com um amor profundo por tudo o que tocava, além da fidelidade à sua comunidade e sua fé inabalável. Iniciou os netos cedo na religião, incentivando-os nos estudos, cuidando de Maya em um dos piores momentos da sua existência, após ter sofrido abuso sexual aos sete anos, pelo então namorado de sua mãe.

Momma pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos da vida que ela e a geração dela e de todos os Negros anteriores encontraram e achavam seguros. Ela não gostava da ideia de que se podia falar com os brancos sem botar a vida em risco. (ANGELOU, 2018, p. 66).

Enquanto estiveram com a avó, aprenderam, entre inúmeras coisas, a escolher suas palavras, emoções e batalhas, principalmente quando a raça desempenhava papel importante nas relações. Momma representava a dignidade negra, que mesmo diante de provocações e violências não desvirtuava, muito menos se deixava abater por elas. Embora sendo severa e não exibindo abertamente afetividade e emoções, ela o fazia através de suas atitudes em defesa dos seus, com amor e afeto que são destacados ao longo da narrativa em situações reais, e não em meras descrições.

Vivian Baxter, a mãe a quem ela chamava de Senhorita, apesar de ser diferente de Momma, também era uma mulher forte e marcante, determinada e independente financeiramente. Representava para Maya a independência feminina, na qual a insubordinação aos limites impostos pela sociedade patriarcal vigente configura-se em todas as suas ações. Para garantir o sustento e bancar seus desejos, não media esforços, fosse trabalhando de maneira sutil, ou então, como na maioria das vezes, beneficiava-se financeira e socialmente do sexo oposto, utilizando os artifícios da beleza da qual era provida. Ao longo da narrativa, a autora deixa explícita a natureza prática e objetiva da mãe na resolução dos problemas e obstáculos que surgiam. Ela era dinâmica em suas atitudes, sendo com os filhos, nas relações e em suas limitações e dons maternos. Foi na convivência com a mãe que ela aprendeu a enfrentar de modo mais substantivo o racismo e o machismo,

ganhou o afeto necessário para se tornar uma mulher independente, com uma autoestima bem elevada. Teve determinação em levar adiante a gravidez não planejada de seu único filho, fruto de um encontro fortuito. A mãe e o padrasto a acolheram e lhe deram força. Assim descreve sua mãe: “Descrever minha mãe seria escrever sobre um furacão em seu poder perfeito. Ou as cores subindo e descendo pelo arco-íris.” (ANGELOU, 2018, p. 79).

Para Maya, a honestidade e sinceridade inflexível da mãe eram motivo de admiração, bem como a sua força e natureza carinhosa, apesar de seus frequentes desentendimentos com a ela. Vivian Baxter foi assim como Maya, ativista e uma mulher muito influente, defensora dos direitos das mulheres negras nos EUA. Maya fundou e dirigiu juntamente com sua mãe uma organização chamada Stockton Black Women for Humanity, essa organização tinha como objetivo, a concessão de auxílio e bolsa estudantis para alunos negros, principalmente mulheres do Ensino. Foi uma mulher incrível, integrante de várias outras organizações não só em prol da população negra, mas também dos brancos e pobres. Por toda a sua vida adulta tentou seguir os passos da mãe em defesa da mulher, principalmente as negras e pobres.

Considerando-se outras influências que não as familiares, destaca-se a Sra. Bertha Flowers, amiga pessoal da sua avó paterna. Foi ela quem incentivou Maya a praticar a leitura principalmente de poesias, ajudando-a a sair do mutismo, pois a menina depois que sofreu o abuso do padrasto, emudeceu. Foi uma das maiores influências positivas na sua vida de autora: “Ela foi uma das poucas damas que conheci e permaneceu em toda a minha vida como medida do que um ser humano pode ser” (ANGELOU, 1969 p. 118). Através da ajuda da senhora Flowers, Maya redescobriu sua voz após o trauma pós-estupro, sendo incentivada a usar suas palavras para dar voz às palavras de outros escritores recitando poesias.

Sua avó diz que você lê muito. Em todas as oportunidades que tem. Isso é bom, mas não o suficiente. Palavras significam mais do que é colocado no papel. É preciso a voz humana para dar a elas as nuances do significado mais profundo. (ANGELOU, 2018, p. 122).

Com a senhora Flowers, Maya aprende talvez aquela que seria a mais importante das lições, a qual levaria para o resto de sua existência, ou seja, o poder que tem a voz de cada um quando proferida com toda a força expressiva, de

maneira que ampare o próximo nas suas dificuldades. No caso dela, usou sua voz ao longo de toda a sua vida em defesa dos direitos afro-americanos e das mulheres negras cujas vidas se assemelham à dela. Enquanto escritora deve muito a Sra. Flowers, pois passou a se interessar mais ainda pela leitura e por em postar a sua voz publicamente. Óbvio que a avó paterna já havia exigido que Maya tivesse cuidado e determinação com os estudos formais, o que também a influenciou na condição de escritora. Vovó Baxter, sua avó materna, simbolizava para Maya os conceitos opostos pregados por Momma, sua avó paterna. Momma era cautelosa ao tratar com os brancos, já Baxter era mais destemida. Uma morava no sul, ambiente bem mais hostil aos negros; outra na Califórnia em que esperava menos racismo explícito. Por isso, o comportamento difere. Baxter trabalhava com contravenção; Momma com negócio legal. Porém, Baxter também exprimia em suas ações a força e liderança feminina na família. Possuidora de grande influência social, prosperou financeiramente, em meio a jogos de azar em casas de apostas. Tinha o comando centralizado da família, era matriarca de mando. Foi inclusive implacável no caso do estupro de Maya e responsável por “vingar” o abuso sofrido pela neta, ordenando que os seus filhos, tios de Maya, assassinassem o abusador, visto que a justiça branca negou puni-lo por tal crime. Assim ela é descrita pela autora:

Ela era influente na delegacia de polícia, e os homens que vestiam ternos elegantes e tinham cicatrizes novas se sentavam com decoro de igreja e esperavam para pedir favores a ela... Quando chegava a eleição, eles tinham que arrumar votos dos bairros deles. Ela costumava lhes conseguir indulgências, e eles sempre conseguiam os votos. (ANGELOU, 2018, p. 82).

Apesar de demonstrar uma tendência selvagem em determinados situações para a resolução dos problemas, foi com a vovó Baxter, que Maya percebeu desde cedo que não havia justiça para negros. A sua percepção começou a aflorar na época em que seus parentes tiveram que fazer justiça com as próprias mãos para punir o seu agressor, coisa que a justiça dos homens havia se negado a fazer. Mesmo que esse ensinamento duro tivesse feito Maya se calar por muitos anos, a sua reflexão sobre os fatos a encaminharam a lançar um olhar mais acurado sobre as condições em que vivia a sua etnia, bem como a opressão e desinteresse das autoridades para defendê-la, simplesmente pelo fato de ser mulher e negra. Observando toda rigidez da sua avó materna, de certa forma, ela entende a sua

atitude como demonstração de amor e proteção. Conduzindo a família e os negócios com mãos de ferro, portando-se de maneira agressiva e violenta, mesmo assim fazia com que Maya se sentisse amada e protegida por alguém, mesmo diante de tanta dor e sofrimento.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é a literatura senão a formalização discursiva de realidades humanas concretas? Ler um bom livro é se encontrar com o ser humano nas mais variadas situações. O que Maya Angelou nos propõe com sua obra é que a escrita da autora está diretamente relacionada à sua realidade vivida, sendo escrivência, vinculando-se a fatos que marcaram sua história e da comunidade em que viveu e atuou. Mediante sua voz e de outras vozes que povoaram sua vida e sua escrita, Maya deixa um legado de luta, resiliência e força de mulher negra que perpassa através dos tempos e torna sua obra atual. A leitura de Angelou para nós brasileiros, em decorrência de nosso contexto social racista, é necessária. Vivemos uma época em que ainda continuamos sofrendo e vivendo situações graves de discriminação social, de gênero e sobreposição de poderes do mais forte em relação ao mais fraco, seja de ordem econômica ou racial ou de gênero.

Lendo a sua obra, podemos dizer que Maya Angelou é um exemplo de mulher negra, que, ao longo de sua vida, rompeu vários paradigmas vivendo em uma sociedade patriarcal, discriminatória e sexista, enfrentando os obstáculos. Foi estuprada na infância, mas se levantou pelos braços da solidariedade familiar, foi condutora de bonde, foi escritora, dramaturga, diretora de arte, ativista política e feminista, mãe aos dezesseis anos, irmã amorosa, grata pela sua genealogia e ancestralidade negras e muitos mais papéis desempenhou com coragem e bravura. Mostrou, em sua biografia, a força da família e dos amigos na luta cotidiana, demonstrando que essa força advém do coletivo étnico. Este se fortalece no embate e se esclarece enquanto identidade étnica a partir do dialogismo e da exotopia. Traz para sua prosa vozes femininas negras que protagonizam a cena em demonstração de coragem, autonomia e emancipação, mas também cautela junto aos opressores.

Angelou também enfatiza o papel libertador da escola e, sobretudo dos livros. Nesses destaca a literatura como veículo de autonomia e de fortaleza para a publicidade de vozes marginalizadas. Sua capacidade de se sobrepor perante os

obstáculos da vida, ela os narra explicitamente em sua obra, dando testemunho público de sua luta. Sua escrita tornou-se significativa para a comunidade negra dos EUA e sua voz ecoa até hoje e transpassa barreiras, podendo sua luta também ser generalizada e relacionada aos movimentos negros e feministas do Brasil. Continuemos a ler Maya Angelou como fonte inspiradora de autonomia negra e feminina.

Maya Angelou foi um grande exemplo de mulher e é maravilhoso ver que seu trabalho e sua história continuam vivos. Negra, sobrevivente da violência, jovem batalhadora, artista e ativista. Em tempos de tamanha intolerância é mais importante do que nunca lembrar a trajetória de uma guerreira tão inspiradora. Com o romance autobiográfico de Maya, podemos acompanhar como aconteciam as relações sociais nos EUA, que marcas podem deixar na formação da criança como pessoas o abandono familiar, o sentimento de não pertencimento e a resistência para lutar contra tudo o que oprime.

Maya cita que seu romance autobiográfico trata da descrição de situações vividas por ela, mas que de certa forma se estendem a toda a raça negra, em especial às mulheres. Os acontecimentos narrados por ela se tornam vivências comuns entre os seus iguais. Ela escreve o que viveu.

As personagens femininas elencadas no texto são responsáveis por fortalecer, em Angelou, a sua identidade de mulher lutadora e decidida. No romance, a autora seleciona apenas mulheres fortes e com histórias marcantes, de resistência. A exotopia neste caso ocorre quando Maya se vê pelos olhos de outras mulheres, percebendo a múltipla trajetória dessas mulheres, inspira-se a partir delas a seguir sua vida. Na base do eu, está o nós. Nessa genealogia feminina que Maya nos traz, a escritora está a relatar a narrativa da comunidade negra, pois mobiliza falas e situações encontráveis no cotidiano de sua sociedade.

Conforme destacado por Bakhtin:

Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento. (BAKHTIN, 1992, p. 45).

Nos diferentes olhares manifestados, Angelou apresenta um olhar singular, que se constitui em dialogia com o contexto e no embate com outras mulheres e homens. A narrativa é biográfica, mas também uma crônica social, ou seja, parte dela, mas também diz muito sobre as outras mulheres que se assemelham a ela. Neste enfoque, compartilha com elas todas as suas expectativas, frustrações e sentimentos. Na exposição do desfecho deste viés, percebe-se que o olhar sobre o outro não se demonstra simplesmente baseado em uma empatia passiva, mas sim de luta e enfrentamento aos os fatos que oprimem, não somente ela de maneira particular, como também se estende a toda a sua raça.

6. REFERÊNCIAS

ANGELOU, M. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Título original: I know why the caged bird sings. Tradução de Regiane Winarrski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas de edição russa de Serguei Botchavov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: M. Fontes, 1992.

_____. _____. São Paulo: M. Fontes, 1994.

_____. _____. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2006.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2015.

_____. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2018.

_____. **Teoria do romance III: o romance como gênero literário**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2019.

BEAUVOIR, S; de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

BOB, H., WHACK, R. C. **Documentário: Maya Angelou – e ainda resisto** (2016). Disponível na Plataforma Netflix.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Revista Backhtiniana**, São Paulo, 6 (1): ago./dez. 2011, p. 268-280.

CAMARGO, O. Fases do feminismo. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminismo-que-e.htm>. Acesso em: 01 maio 2020.

CORRÊA, C M. F. **Ecoss da solidão: uma autobiografia de Maya Angelou**. 2009.165 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-2608200000822/publico/>. Acesso em: 20 set. 2020.

COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. _____. (Org.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA, 2008, p. 39.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. [s. n.]: Plataforma Gueto, 2013.

D'ANGELO, H. Maya Angelou tem primeiras e últimas autobiografias publicadas no Brasil. **Revista Cult**, São Paulo. 27 fev. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/maya-angelou-autobiografias/>. Acesso em: 04 maio 2020.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

FANINI, A. M. R.; AMARAL, J. da S.; SANDRINI, P. H. da C.. Maya Angelou: biografia e crônica social em Eu sei porque o pássaro canta na gaiola. **Criação & Crítica**, n. 27, p., nov.2020. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, B. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo** por Bell Hooks. [s. n.]: Plataforma Gueto, jan., 2014.

WARKEN, J. **Maya Angelou: ativista negra, poeta e mulher revolucionária**. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/maya-angelou-ativista-negra-poeta-e-mulher-revolucionaria/>. Acesso em: 22 maio 2019.

MCCANN, H. [et al]. **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

NUNES, R. D. C. **Maya Angelou: gênero, autobiografia, violência e agenciamento em I know why the caged bird sings**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/rii/2494>>. Acesso em: 18 ago 2020.

PIZZANI, L [et al.]. (2012). A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBC: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 10(2), 53-66. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

SILVA, D. N. Feminismo no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista Diálogos**. Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017